



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU MIRIM - CESITA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS HABILITAÇÃO LÍNGUA
PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

RAIMUNDA NONATA MENDES SOUSA

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: uma análise Foucaultiana do discurso

Itapecuru Mirim
2021

RAIMUNDA NONATA MENDES SOUSA

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: uma análise Foucaultiana do discurso

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua portuguesa e respectivas literaturas da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim, como pré-requisito para a elaboração do trabalho de conclusão de curso.

Orientadora: Prof^a. Mestranda. Helena Gomes

Itapecuru Mirim

2021

Sousa, Raimunda Nonata Mendes.

Ensaio sobre a cegueira: uma análise Foucaultiana do discurso / Raimunda Nonata Mendes Sousa. – Itapecuru-Mirim, 2021.

60 f

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru - Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Profa. Helena Gomes Alves.

1.Análise do discurso. 2.Ensaio sobre a cegueira. 3.Michel Foucault.
4.Mulher. I.Título

CDU: 821.134.3.09

RAIMUNDA NONATA MENDES SOUSA

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: uma análise Foucaultiana do discurso

Data: ____/____/2021

Nota: _____

Helena Gomes
Mestranda em Ciências da Educação

2º EXAMINADOR (A)

3º EXAMINADOR (A)

Dedico esta monografia ao meu pai Damião Garrido de Sousa (*in memoriam*), meu maior exemplo, sempre me apoiou e cuidou de mim até o último instante da sua vida. Saudade eterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido no caminho certo durante a construção dessa monografia com saúde e forças para chegar até o final.

Aos meus pais, Benedita e Damião, meus irmãos e demais familiares que sempre me apoiaram, incentivaram e acreditaram em mim para que eu não desistisse, dando apoio emocional e também ajudando no meu progresso.

Ao meu esposo Renato, que sempre esteve ao meu lado, me fortalecendo e torcendo sempre, e que em todos os momentos segurou firme minha mão para eu não cair, sendo um grande amigo e incentivador do meu sonho, que estar prestes a se realizar.

A minha orientadora Helena Gomes, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, orientações e incentivos, uma pessoa de coração enorme e que sabe conduzir com sensatez as situações adversas, sempre disposta a ajudar, uma pessoa maravilhosa, amiga e profissional no que faz.

A professora Katiana, que ao longo do curso foi mais que uma professora, se tornou amiga, e que durante esses 4 anos de estudos, deu apoio, incentivo, e nas horas difíceis estava ali para ajudar, fez parte da minha vida acadêmica e vai continuar presente em minha vida.

Por fim, sou grata a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente participaram da realização desse sonho.

“A vida é breve, mas cabe nela muito mais do que
somos capazes de viver”

José Saramago

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos que constroem a representatividade feminina na obra Ensaio Sobre a Cegueira a partir das análises Foucaultianas, assim como compreender a posição social e discursiva do sujeito mulher na obra Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago. A escolha deste tema justifica-se também por uma inquietação em analisar o papel feminino a partir da obra já mencionada, o que irá contribuir de maneira significativa para o enriquecimento e aprendizado no seu desempenho profissional, bem como, mostrar que tal preocupação não é nova, mas que tem como finalidade básica de redirecionar conceitos e pesquisas sobre a figura feminina para ser vista sob uma nova perspectiva, buscando reforçar a importância de mais uma vez como esse tema pode ser desenvolvido dentro dos mais variados contextos. Assim sendo, para a elaboração da monografia de conclusão de curso, utilizamos a pesquisa bibliográfica, com ênfase na Análise do Discurso Crítica visando demonstrar como a mulher é protagonizada, a partir do discurso na obra Ensaio Sobre a Cegueira, assim como também sobre a representatividade feminina e a relação de poder, além de apresentar algumas considerações o discurso de Foucault e a representação da mulher. Visto que o discurso para Foucault vai além das palavras, dos seus signos, para ele tudo isto está correlacionado às práticas de poder, ou seja, estão juntas com as práticas sociais, e por isso, permanecerão presas por não estarem devidamente no sujeito, mas no seu discurso. O presente estudo foi realizado com fundamentos em autores renomados como Michael Foucault e Bakhtin que se dedicam em estudar a análise do discurso e áreas afins, todos registrados no final, nas referências bibliográficas. O texto apresenta-se em quatro sessões, onde na primeira apresentamos a introdução, na segunda, discorremos sobre o panorama histórico da Análise do Discurso Crítico, no qual de forma sucinta apresentamos a linha de estudo dos principais teóricos do tema, assim como seus influenciadores e o período histórico correspondente. Na terceira, discutimos as representações discursivas no romance e sobre a participação feminina na sociedade, assunto que apesar de muito discutido, configura-se sempre atual e necessário, pela sua importância. Ainda nesta sessão, discorremos sobre a relação do discurso de Foucault e os personagens femininos na obra em análise. E por fim, na quarta sessão apresentamos as considerações finais.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Ensaio sobre a cegueira. Michel Foucault. Mulher

ABSTRACT

This work aims to analyze the discourses that build female representativeness in the essay *Ensaio Sobre a Cegueira* from the Foucaultian analyzes, as well as to understand the social and discursive position of the woman subject in the essay *Ensaio sobre a Cegueira* by José Saramago. The choice of this theme is also justified by a concern to analyze the female role from the work already mentioned, which will contribute significantly to the enrichment and learning in their professional performance, as well as showing that such concern is not new, more that has as its basic purpose of redirecting concepts and research on the female figure to be seen from a new perspective, seeking to reinforce the importance of once again how this theme can be developed within the most varied contexts. Therefore, for the preparation of the monograph at the end of the course, we used bibliographic research, with emphasis on Critical Discourse Analysis, aiming to demonstrate how women are protagonized, based on the discourse in the essay *Ensaio Sobre a Cegueira*, as well as on representativeness feminine and the power relation, besides, present some considerations the speech of Foucault and the representation of the woman. Since the discourse for Foucault goes beyond words, his signs, for him all these are correlated with the practices of power, that is, they are together with the social practices, and for this reason, they will remain trapped because it is not properly in the subject, but in your speech. This study was carried out based on renowned authors who are dedicated to studying discourse analysis and related areas, all of which are registered at the end in the bibliographic references. The text is presented in four sessions, where in the first we present the introduction, in the second, we discuss the historical panorama of Critical Discourse Analysis, where we briefly present the line of study of the main theorists of the theme, as well as their influencers and the corresponding historical period. In the third, we discuss the discursive representations in the novel and about female participation in society, a subject that, although much discussed, is always current and necessary, due to its importance. Also in this chapter, we discuss the relationship between Foucault's speech and the female characters in the work under analysis. Finally, in the fourth session we present the final considerations

Keywords: Speech analysis. Blindness essay. Michel Foucault. Women

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O DESENVOLVIMENTO CRÍTICO DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA (AD).....	13
2.1 Análise do discurso através da perspectiva de Foucault.....	17
2.2 Formação discursiva e as Representações Ideológicas.....	21
3 AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NO ROMANCE.....	30
3.1 A participação feminina na sociedade.....	38
3.2 A relação do discurso de Foucault com os personagens femininos na obra de José Saramago.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre questões relevantes referentes ao papel da mulher e sua atuação dentro do contexto social, seja por ser vista apenas como uma mulher do lar, pela sua força, lutas e até mesmo pelo simples fato de ser reconhecida e valorizada pela sociedade, que por sua vez, impõe certos padrões em relação ao sexo feminino, e que devido a isso pode causar relação de poder sobre o outro.

No entanto, apesar de todos os problemas e dificuldades encontrados pelas mulheres, estas conseguiram enfrentar e superar, contribuindo assim para o progresso dentro dos campos afetivos, econômicos, políticos e sociais. Mesmo que a inclusão e a igualdade de direitos ainda de fato não seja tão presente na sociedade, mas de fato é um início de muitas conquistas fundamentais que ajudam na luta por ações e princípios que promovam um ambiente onde mulheres e homens possam compartilhar dos mesmos direitos.

Assim, observando os ambientes que as mulheres estão inseridas, é fundamental que a linguagem e o discurso relacionados a elas sejam de fato estudados, uma vez que os discursos configuram uma estrutura ideológica sobre o papel da mulher, tanto nas literaturas quanto dentro do contexto social.

Nesse sentido, faz-se necessário enfatizar a representatividade feminina ao longo de um contexto histórico. Representatividade esta registrada muitas vezes em obras literárias, aparentemente abertas à interpretação do público leitor, que de acordo com sua vivência, seu conhecimento de mundo constrói sua percepção do que está escrito. Sabemos que mesmo a mulher e o homem convivendo no mesmo âmbito social, e realizando papéis diferentes, estas foram e ainda são descriminalizadas pelo machismo que perdura até hoje. Entretanto, apesar de todos os desafios, elas conseguiram constituir um papel de independência na busca por seus direitos, o qual pode ser representado tanto na história, como na literatura, no mercado de trabalho, bem como dentro da sociedade como um todo.

A literatura que trabalha com a ficção e subjetividade, cada vez mais com uma escrita inteligente, é um meio para que se estude além das entrelinhas, e busca-se a partir disso estudar os mais variados discursos existentes dentro das obras literárias, hoje tem-se os mais variados estilos dessa literatura, uns usam recursos mais atrativos para uma simples leitura, já outros investem num estilo mais desafiador, e isso é uma ferramenta para quem pesquisa ir atrás, pois ela é um instrumento que expressa através dos romances, poesias, poemas, crônicas e sonetos, ferramentas fundamentais para uma análise além do texto, revelando que o discurso

não é individual, e que nos textos literários não revelam um fim em si mesmo, mas que ele percorre uma longa jornada.

Assim sendo, para a elaboração da monografia de conclusão de curso, utilizamos a pesquisa bibliográfica, com ênfase na Análise do Discurso visando demonstrar como a mulher é protagonizada, a partir do discurso na obra Ensaio Sobre a Cegueira, assim como também como discorremos sobre a representatividade feminina e a relação de poder, além de apresentar algumas considerações o discurso de Foucault e a representação da mulher. Visto que o discurso para Foucault vai além das palavras, dos seus signos, para ele tudo isto estão correlacionadas as práticas de poder, ou seja, estão juntas com as práticas sociais, e por isso, permanecerão presas devido não está devidamente no sujeito, mas no seu discurso.

O presente estudo foi realizado, com fundamentos em autores renomados que se dedicam em estudar a análise do discurso e áreas afins, todos registrados no final, nas referências bibliográficas. Dividimos o estudo em 4 (quatro) sessões, onde na primeira apresentamos a introdução, na segunda, discorremos sobre o panorama histórica da Análise do discurso, onde de forma sucinta apresentamos a linha de estudo dos principais teóricos do tema, assim como seus influenciadores e o período histórico correspondente. Na terceira, discutimos as representações discursivas no romance e sobre a participação feminina na sociedade, assunto que apesar de muito discutido configura-se sempre atual e necessário, pela sua importância. Ainda nesta sessão, discorremos sobre a relação do discurso de Foucault e os personagens femininos na obra em análise. E por fim, na sessão 4 (quatro) apresentamos as considerações finais.

2 O DESENVOLVIMENTO CRÍTICO DA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA (AD)

A Análise do Discurso pertencente à Escola Francesa (AD) surgiu na década de 1960 como reação a duas fortes tendências linguísticas, sendo estas o estruturalismo e a gramática gerativa transformacional.

Conforme Guerra:

Do ponto de vista político, a AD nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística. (GUERRA, 2009, p. 5)

A priori, pode-se destacar, de modo geral, a concordância, e os contrapontos entre três referenciais básicos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise. Com a perspectiva de mostrar um campo multifacetado surgem e instauram diferentes práticas metodológicas que impulsionem o sustento face aos paradigmas mais tradicionais da Linguística Moderna.

Esse panorama que surge ao final da década de 60, na França, em um período histórico no qual as atividades acadêmicas eram afetadas profundamente pelas questões políticas surge a chamada escola da Análise do Discurso Francesa, com o objetivo de estabelecer debates filosóficos. As bases materialistas para as práticas da linguagem têm a linguística como campo fundamental de estudos para a compreensão das relações entre a filosofia, a lógica e a linguagem, no âmbito das Ciências Sociais. O filósofo Michel Pêcheux foi referência imprescindível nesse contexto:

Nos anos que precederam 1968-70, J. Dubois e M. Pêcheux, independente um do outro, elaboraram o que vai se chamar Análise do Discurso. Ao tomarmos o viés de dupla narração, muito sucinta, é a diferença, antes de tudo que se destaca. Jean Dubois, linguista é um universitário. Seu trajeto é o de numerosos linguistas da época: estudos literários, gramaticais, depois passagem para a linguística. (MALDIDIER, 1997, p.16)

Percebemos que eles partilhavam as mesmas noções sobre a luta de classes, a história e a política enquanto indivíduos atuantes na sociedade, compartilhavam o Marxismo e o da política. Nesse cenário, a linguística, torna-se o guia das pesquisas nas ciências humanas. De forma que os projetos de Análise do Discurso nascem naturalmente dentro desse contexto.

Há registros históricos que apontam o ano de 1969, período que Pêcheux publica sua tese “*Analise Automatique du Discours*”, tendo o discurso como objeto de estudo. A noção de

sujeição ideológica concebida nos estudos de Pêcheux estabelece questões conceituais importantes para uma ruptura epistemológica que marcou de modo significativo as ciências humanas, fundamentalmente a linguística no que se refere à questão do sujeito.

A Análise do Discurso (AD) na proposta de Michel Pêcheux contempla uma ruptura epistemológica com a perspectiva dominante, chamando atenção para uma articulação existente entre sujeito e ideologia. Vale ressaltar que Pêcheux, foi um dos filósofos cuja trajetória passa pela psicologia social, recebendo influências decisivas de Michel Foucault e de Louis Althusser.

Neste mesmo ano, Pêcheux vai discutir aspectos da ACD que tem ampla repercussão no campo da História. Michel Foucault polemizando o fazer dos analistas do discurso em relação a algumas questões que os ligam a determinadas formas de ver e escrever a história. Foucault sugere que uma das preocupações dos historiadores deveria ser no sentido de se afastar das análises das grandes unidades, descritas como épocas ou séculos para uma compreensão dos fenômenos de rupturas. Para Foucault o importante é ver as incidências das interrupções, devendo o historiador sair dessa metodologia de regressão sem fim em direção aos primeiros precursores, mas identificar um novo tipo de racionalidade e de seus múltiplos efeitos. (BRITO SILVA, 2004 p. 37).

Althusser e Michel Foucault foram contemporâneos na Escola Normal da Rua d'Ulm, tornaram-se também grandes amigos. É sobretudo, a influência de Althusser que Foucault irá aderir ao Partido Comunista. Neste período, mais precisamente ao longo dos anos de 1947 a 1949, Maurice Merleau-Ponty profere uma série de palestras e conferências na faculdade de Sorbonne e também na Escola Normal.

Foucault não falta a nenhuma das conferências que Maurice Merleau-Ponty profere na Escola Normal ao longo dos anos de 1947-48 e 1948-49. Elas versam sobre A união da alma e do corpo em Malebranche, Maine de Biran e Bérghson, mas também sobre a linguagem. Merleau-Ponty é um apaixonado pelos problemas da linguagem e tenta expor aos normalistas os trabalhos de Saussure (ERIBON, 1990, p.49).

Corroborando com o autor, o método arqueológico buscou a compreensão de como se chegou a tratar e a entender a loucura como fizeram os psiquiatras e manicômios até o século XX. O livro levantou um debate, há muito tempo necessário, sobre a crueldade dos manicômios e a necessidade do entendimento mais profundo das desordens psiquiátricas como, desordens sociais. Entretanto, é apenas cerca de 20 (vinte) anos mais tarde que Michael Foucault externaliza que:

A História da Loucura na Era Clássica, quis determinar o que era possível saber da doença mental numa dada época. [...] era necessário descobrir como eram os loucos reconhecidos, postos de parte, excluídos da sociedade, internados e tratados; que instituições se destinavam a acolhê-los e a confiná-los, e por vezes tratá-los; que instâncias decidiam da sua loucura e segundo que critérios. (FOUCAULT, apud ERIBON, 1990: 239).

Foucault relata que, os princípios fundamentais de seu método, que é analisar o discurso na dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido ou esquecido, em outras palavras, em sua apresentação dos acontecimentos e considerá-lo no jogo de suas instâncias.

Foucault é eleito professor do Collège de France, da recém-criada cadeira de História dos Sistemas de Pensamento. Ele estava, àquela altura, com quarenta e três anos de idade. Sua aula inaugural em dezembro de 1970 será posteriormente publicada sob o título de *L'ordre du discours* (1971). “O tema desse discurso é o discurso em si mesmo” (ERIBON, 1990, p. 244).

Nesta obra Foucault analisa, por meio de documentos, o conjunto das relações de poder pelas quais os discursos se estabelecem em um nível bastante específico: entre a psiquiatria e a justiça penal. O critério metodológico e de legitimação de minha escolha em trabalhar com a Análise do Discurso a partir da perspectiva de Michel Foucault fundamenta-se na verificação de que sua análise trabalha a problemática do sujeito fabricado pelo discurso. Seu procedimento elucida as regras que compõem os jogos de poder que se articulam no/pelo discurso e as estratégias pelas quais faz funcionar certa racionalidade.

Documentos como os do caso Rivière devem permitir analisar a formação e o exercício de um saber (como o da medicina, da psiquiatria, da psicopatologia) em suas relações com instituições e os papéis que são aí prescritos (como a instituição judiciária com o perito, o acusado, o louco-criminoso, etc.). Permitem decifrar as relações de poder, de dominação e de luta dentro das quais os discursos se estabelecem e funcionam; permitem pois uma análise do discurso (e até dos discursos científicos) que seja ao mesmo tempo política e relacionada como acontecimento, logo, estratégica. Pode-se enfim captar aí o poder de perturbação próprio de um discurso como o de Rivière e o conjunto de táticas pelas quais se tenta recobri-lo, inseri-lo e classificá-lo como discurso de um louco ou de um criminoso (FOUCAULT, 2007: XIII).

Segundo a Análise Crítica do Discurso, Michel Foucault, que aparece em sua aula inaugural no *Collège de France* e também nas obras seguintes, é sua preocupação em como o poder se exerce nos e pelos discursos, por meio de uma mecânica que ao mesmo tempo em que controla a produção e restringe a circulação dos discursos, institui as disciplinas que os veiculam.

Ainda nos anos 70, também na Europa, mais especificamente na Inglaterra, um grupo de pesquisadores desenvolveu o que se conhece atualmente como Linguística Crítica, uma abordagem de estudo da linguagem da qual provém um ramo contemporâneo da Análise do Discurso denominada Análise Crítica do Discurso (ACD).

Pode-se afirmar que há, de fato, elementos bastante comuns que atravessam essas múltiplas abordagens da Análise Crítica do Discurso, mas talvez, a mais evidente de todas seja a atenção dada à correlação entre a linguagem e o contexto social, ou, dito de outro modo, aos contextos sociais do uso linguístico e ao uso da linguagem no contexto das

estruturas sociais e ideológicas, sendo este um dos pontos de afastamento dos chamados analistas críticos do discurso ou os linguistas críticos do trabalho realizado, por exemplo, em sociolinguística ou em pragmática (PEDRO, 1997) afirma que:

A Análise Crítica do Discurso opera, necessariamente, com uma abordagem de discurso em que contexto é uma dimensão fundamental. Mas, ao contrário de outras abordagens, conceptualiza o sujeito não como um agente processual com graus relativos de autonomia, mas como sujeito construído por e construindo os processos discursivos a partir da sua natureza de actor ideológico. [...] É, de alguma maneira, essa dimensão ideológica na construção do sujeito e, por consequência, na constituição do discurso que fundamentam as diferenças da Análise Crítica do Discurso relativamente a outras abordagens (PEDRO, 1997: 20).

A Análise Crítica do Discurso (ACD), com sua atenção atribuída à linguagem no contexto das estruturas sociais e ideológicas, distanciam-se conceitual e metodologicamente da perspectiva foucaultiana de análise do discurso. Na primeira, a constituição (ideológica) do discurso é entendida como consequência da dimensão ideológica da construção do sujeito. Em outras palavras, diferentemente do que Michel Foucault propõe, a ACD defende que o sujeito estar no contexto social no qual está inserido condiciona ideologicamente o surgimento do discurso. A linguagem ocupa um lugar diferenciado na perspectiva da análise do discurso foucaultiana.

Como afirma Deleuze (1998, p. 87), “a linguagem contém as palavras, as frases e as proposições, mas não contém os enunciados que se disseminam segundo distâncias irreduzíveis”. Interpretar aquilo que o outro diz é tão livre que tornaria uma ditadura, afirmar que há um só sentido em um discurso, pode haver uma direção mais coesa, mas um único sentido seria reduzir os diferentes sentidos de um discurso. Considerando que “o nível enunciativo está no limite da linguagem” (FOUCAULT, 2004, p. 127), seu método descreve esse nível enunciativo, o que consiste em “interrogar a linguagem, não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz”.

É oportuno descrever que, Foucault opõe-se a três maneiras de fazer começar a linguagem, seja a partir de pessoas, mesmo que se trate de pessoas linguísticas ou embraiadores (figuras precursoras de uma nova realidade); seja a partir do significante como organização interna ou direção primeira para a qual a linguagem remete; seja a partir de uma experiência originária, cumplicidade primeira com o mundo que fundaria para nós a possibilidade de falar dele, e faria do visível a base do enunciável. A fenomenologia, o ‘Mundo e a fala’, como se as coisas visíveis murmurassem já um sentido que a nossa linguagem não teria mais do que faz emergir, ou como se a linguagem se apoiasse num silêncio expressivo, ao qual Foucault opõe uma diferença de natureza entre ver e falar). (DELEUZE, 1998, p.82).

É importante destacar que perspectiva assumida por Pêcheux, em sua Teoria do Discurso aproxima-se bastante da concepção dialógica de discurso postulada por Bakhtin. Além dessa teoria, o conceito de Bakhtin aproxima-se de toda a produção teórica sobre o discurso que se lhe seguiu e que o toma como objeto de estudo. Entretanto que, nesses trabalhos, concebe-se uma perspectiva não subjetiva da enunciação, em que o sujeito não está no o centro do discurso por ter sido descentrado tanto pela interpelação ideológica como pelo fato de ser um sujeito dotado de inconsciente.

2.1 Análise do discurso através da perspectiva de Foucault

A noção de discurso é empregada por Michel Foucault em A Arqueologia do Saber com a seguinte acepção: “Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 1986, p. 43). Assim, Foucault (1986, p.43) compreende “o discurso como um conjunto de enunciados na medida em que eles provêm da mesma formação discursiva”.

Tomar o discurso como objeto significa em última instância, para Foucault da A arqueologia do saber, realizar não apenas uma análise linguística desse objeto, descrevendo ou explicando seus níveis linguísticos, mas, principalmente produzir uma interrogação sobre as condições de emergência desse objeto, isto é, quais são os dispositivos discursivos que possibilitaram a irrupção de determinada prática discursiva e não outra em um determinado momento histórico. Nesse sentido, segundo Revel (2005, p. 38):

Foucault substitui o par saussuriano língua/fala por duas oposições que ele faz funcionar alternativamente: o par discurso/linguagem, no qual o discurso é renitente à ordem da linguagem em geral (...). [É preciso, todavia], notar que o próprio Foucault anulará essa oposição, intitulado sua aula inaugural no *Collège de France* como *A ordem do discurso*, em 1971; e o par discurso/fala, no qual o discurso se torna eco lingüístico da articulação entre saber e poder, e no qual a fala, como instância subjetiva, encarna ao contrário, uma prática de resistência à “objetivação discursiva” (REVEL, 2005, p. 38).

Com base na citação de Revel é possível asseverar então que, em 1971, ao postular a existência de uma ordem do discurso que é distinta tanto da ordem da língua quanto da ordem da fala ou da ordem do texto, Michel Foucault produz um deslocamento no conceito de discurso, pois a análise deste objeto passa a se dar em termos de estratégias e de práticas. Em outros termos, a partir de 1971, o discurso deixa de ser analisado por Michel Foucault

enquanto um “regime de discursividade e de sua eventual transgressão, mas como um objeto que existe entre grandes tipos de discurso e as condições históricas, econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação” (REVEL, 2005, p. 38).

O deslocamento produzido por Michel Foucault, a partir de 1971, não significa que o tema discurso tenha desaparecido das preocupações deste filósofo, mas que esse tema passou a ser apreendido de outra maneira. Em suma, é possível dizer que Michel Foucault não apreende o discurso da mesma maneira nas fases arqueológica e genealógica de seu pensamento. Todavia, nessas duas fases, o discurso é para Foucault um objeto essencialmente empírico.

Afastando-se do entendimento do discurso como um conjunto de signos que expressaria um pensamento, ou algo que distorceria a realidade ou mesmo que faria as coisas “falarem” – trazer a tona seus significados ocultos – por meio da palavra, Foucault propõe entendermos o discurso como discursos, no plural, e manter-se no que foi dito.

Para que Gil (2006) pudesse escrever sobre os requisitos necessários para ser um bom profissional, a partir do conceito de gestão de pessoas, ele seguiu certas regras que lhe permitiram falar e ser ouvido. O que ele elabora não se dá em um campo deserto, sem relações com o tempo e espaço de onde se está. Para isso acontecer, foi necessária à sua inscrição nos discursos que constituem o mundo ocidental capitalista em que vivemos. Isso, entretanto, não ocorre de forma tranquila, traz para a arena social disputas, imposições, pelo que é válido ou não. Portanto, os discursos que circulam ou são interditados encontram no poder as suas condições de poder.

No que tange à ideia e conceituação da Análise de Discurso, podemos dizer que esses estudos começaram com Foucault, através da sua obra *Arqueologia do Saber*, onde apresenta o discurso como um acontecimento que deve ser estudado dentro de uma perspectiva da “descontinuidade, de ruptura, de limiar, de limite, de série, de transformação” (FOUCAULT, 2012, p. 25).

Em outras palavras, Foucault ao estudar o discurso, na perspectiva Arqueológica, estava preocupado em mostrar a problematização do discurso e de sua emergência no âmbito do campo da formação do conhecimento e das ciências humanas. Com isso, o tema central em *A Arqueologia do Saber*, no âmbito da análise do discurso, em Foucault, refere-se à formulação da noção de enunciado e discurso. Ou mais especificamente, à constituição de determinados enunciados e discursos.

O ponto central de questionamento de Foucault, ao estudar os enunciados, e de forma bem específica, os enunciados que compõem os discursos das ciências humanas

arqueologicamente, numa tentativa de desenvolver uma teoria social do discurso, era saber por que determinados enunciados foram produzidos e qual o contexto em que tais enunciados apareciam. Ou seja, a preocupação de Foucault estava centrada na questão da emergência de determinados enunciados separados da situação local, da contingência.

Os estudos de Foucault se apresentam dentro dessa concepção, uma vez que Foucault (2012) tentava mostrar que os discursos não se justificam por si mesmo, mas sim, emergem dentro de um campo enunciativo no qual são construídos. Daí o debate central em *A Arqueologia do Saber* ser o conjunto de enunciados em seu acontecimento: “[...] essa teoria não pode ser elaborada sem que apareça, em sua pureza não sintética, o campo dos fatos do discurso a partir do qual são construídas” (FOUCAULT, 2012, p. 32)

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem. [...] deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. [...] Na verdade, a supressão sistemática das unidades inteiramente aceitas permite, inicialmente, restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha geológica da história, mas já no simples fato do enunciado (FOUCAULT, 2012, p. 34).

Ao desenvolver a noção de formação discursiva em sua *Arqueologia do Saber*, Foucault irrompe uma proposição bastante cara e significativa para o campo da análise do discurso: contemplar o acolhimento de cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento.

E eu mesmo, de minha parte, nada farei senão isso: certamente tomarei por marco inicial unidades inteiramente formadas (como a psicopatologia, ou a medicina, ou a economia política); mas não me colocarei no interior dessas unidades duvidosas para estudar-lhes a configuração interna ou as secretas contradições. Não me apoiarei nelas senão o tempo necessário para me perguntar que unidades formam; com que direito podem reivindicar um domínio que as especifique no espaço e uma continuidade que as individualize no tempo; segundo que leis elas se formam; sobre o pano de fundo de que acontecimentos discursivos elas se recortam; e se, finalmente, não são, em sua individualidade aceita e quase institucional, o efeito de superfície de unidades mais consistentes (FOUCAULT, 2004, p.29).

Considerando que o método de análise do discurso apresentado por Foucault coloca ao discurso a questão do poder, e este é um diferencial imprescindível, seu procedimento implica analisar as formas como o poder se exerce concreta e detalhadamente, com suas características específicas, suas técnicas, suas estratégias; e não em uma análise do discurso que remeta a um sujeito constituinte, ou a vetores econômicos, ou ainda à ideologia.

Os objetos de interesse da AD correspondem, nesse sentido, às chamadas formações discursivas, expressão oriunda de Foucault (Arqueologia do saber), que as define como: [...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma dada época, e para um certo espaço social, econômico, geográfico ou linguístico determinado as condições de exercício do funcionamento enunciativo (FOUCAULT, 1998, p. 136.)

Esse conceito foi apropriado por Pêcheux (1997), que, no quadro da Análise do Discurso, o redefine como o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada numa determinada conjuntura. Em outras palavras, as formações discursivas seriam as responsáveis pelo sistema de restrições semânticas, levando-se em conta uma dada posição, dentro de uma determinada conjuntura social. Na superfície discursiva, encontram-se tanto o conjunto de enunciados atestados, produzidos a partir de uma posição, quanto o sistema de restrições que permite especificar melhor essa superfície discursiva.

Porém, a contribuição Foucaultiana para a Análise do Discurso é mais periférica, pois, em Foucault, o objeto de estudo é a ciência e sua discursividade; e, em Pêcheux, a Análise do Discurso faz parte de um projeto epistemológico completo, encarada como uma ruptura com os preceitos linguísticos clássicos.

A este respeito, Malidier (1994, p.19) faz a seguinte avaliação:

(...) A análise do discurso é pensada como ruptura epistemológica com a ideologia que domina nas ciências humanas (especialmente a psicologia). O objeto do discurso, que reformula a fala saussuriana na relação com a língua, implica, de acordo com a fórmula althusseriana, uma mudança de terreno. (...) o objeto teórico articula a questão do discurso àquelas do sujeito e da ideologia. A análise (do discurso) só pode ser pensada em relação a uma teoria (do discurso).

Contudo, a contribuição de Michael Foucault para a Análise do Discurso é imprescindível, uma vez que através do seu estilo literário próprio, o autor reflete sobre conceitos e analisa posicionamento, localiza o enfoque nas formulações discursivas e não no sujeito ou no enunciado.

O discurso revela-se na exteriorização do mundo, a materialização da sociedade em que estamos inseridos, onde por meio do discurso pode ser compreendida, interpretada, organizada e reorganizada. Por sua importância, o discurso tem força criadora e produtiva que possibilita que as ideologias se materializem, podendo assim marginalizar, discriminar ou exaltar um indivíduo dentro da sociedade.

Com o uso focado em determinados objetivos, pode-se através da linguagem empregada, manipular, dominar, ou praticar muitos outros verbos, por isso o discurso é admirado, enaltecido e muitas vezes temido pelo seu simbolismo e força. Nesta perspectiva de poder,

[...] discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; [...] a história não cessa de nos ensinar, o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do

qual queremos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo. (FOUCAULT, 1996 p. 10-11)

O discurso, entendido como a materialização de ideologias, permite em algumas ocasiões mascarar a realidade, ocultar verdades e garantir posições e privilégio. Representado assim interesses de classes e servir para dominação, uma vez que simboliza poder, e numa metalinguagem passa a ser desejado por tudo que o mesmo é capaz de conquistar. Saber empregar o discurso, significa controlar pessoas. Assim,

Se o discurso verdadeiro não o é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o jogo de poder? O discurso verdadeiro, a que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdadeira que ela quer não pode deixar de mascarar-la (FOUCAULT, 1996, p.20)

Na citação acima, o autor nos apresenta com bastante clareza a força que tem o discurso, implicando assim a responsabilidade de quem o produz ou o torna público. Talvez por isso, na obra *A Ordem do Discurso*, deixe claro sua consciência diante da relevância da força das palavras nas formulações discursivas.

2.2 Formação discursiva e as Representações Ideológicas

Podemos definir formação ideológica como o conjunto de atitudes e representações ou imagens que os falantes têm sobre si mesmos e sobre o interlocutor e o assunto em pauta. Essas atitudes, representações, imagens estão relacionadas com a posição social de onde falam ou escrevem, têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre eles e que são expressas quando interagem entre si.

É nesse sentido que podemos falar em uma formação ideológica colonialista, uma formação ideológica capitalista, neoliberal, socialista, religiosa etc. Uma formação ideológica pode compreender várias formações discursivas em relações de polêmica ou de aliança. Temos, por ex., a ideologia colonizadora (no Brasil do século XIX) compreendendo várias formações discursivas como a escravagista, a pró-abolição da escravatura, a pró-imigração etc.

Cada formação discursiva reúne um conjunto de enunciados ou textos marcados por algumas características comuns. A formação discursiva sendo um conjunto de enunciados relacionados a partir de uma posição ideológica, de um lugar real e de sujeitos específicos. A formação discursiva é a posição do discurso no espaço-tempo. Palavras iguais podem

significar coisas diferentes porque se inscrevem em formações discursivas diferentes, e esta diferença ocorre por que são sujeitos e contextos distintos. Cabe, então, ao analista do discurso observar as condições de produção dos textos, e remeter aquele enunciado a uma determinada formação discursiva. A formação discursiva é, portanto, o espaço em que a materialidade enunciativa tem a possibilidade de ser interpretada e compreendida, a partir da posição histórica e ideológica na qual o sujeito encontra-se.

O conceito de formação discursiva aparece pela primeira vez na literatura de Michel Pêcheux no seu artigo *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso*. Ao criticar os linguistas pós Ferdinand de Saussure, estruturalistas e gerativistas, por terem de alguma forma trazido o modelo fonológico saussuriano para o domínio do sentido, produzindo uma espécie de filosofonema que caracterizaria toda a linguística, Pêcheux mostra que ao se pensar as sistematicidades da língua como um contínuo de níveis, se está na verdade, recobrando o corte saussuriano entre *langue/parole*. “O elo que liga as significações de um texto as suas condições sócio-históricas, não é secundário, mas constitutivo das próprias significações” (Pêcheux, 1971, p.147).

É possível então asseverar que essa noção tem uma paternidade partilhada: inicialmente a de Pêcheux em 1968 e depois a de Foucault em 1969. No caso deste último filósofo, esse conceito, prolongando seu projeto inicial da episteme em *As Palavras e as Coisas*, oscila constantemente entre uma interpretação em termos de regras e outra em termos de dispersão. Foucault parece obedecer a duas injunções contraditórias, a primeira é trabalhar sobre sistemas e no mesmo processo desfazer toda unidade ou trabalhar sobre as regularidades da dispersão.

Para Foucault a formação discursiva é vista como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mas submetidos a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc. Dito de outro modo, para o filósofo francês o que garante a unidade de um discurso clínico, por exemplo, não é a sua linearidade formal, sintática ou semântica, mas algo comparável a uma diversidade de instâncias enunciativas simultâneas, protocolos de experiências, regulamentos administrativos, políticas de saúde pública, etc. Michel Foucault chama de diferença de enunciativo a regra de formação, as modalidades enunciativas, dos enunciados na sua heterogeneidade, na sua impossibilidade de se integrar a uma única cadeia sintática.

Pela instauração do confronto ideológico na sua materialidade discursiva, percebe-se que se trata de vozes provenientes de diferentes Formações Discursivas que, pelo viés do enunciado dividido, estabelecem verdadeiros embates entre si.

Desse modo, por meio da noção de enunciado, como postulada pela Análise do Discurso, é possível refletir discursivamente no âmbito de um único enunciado que, por ser dividido, possibilita que várias vozes dialoguem, que se instaurem ressonâncias, que se façam ouvir divergências, constituindo a uma verdadeira interlocução discursiva, que faz soar constitutivamente o discurso do outro no discurso do sujeito de um discurso. E há, ainda, a possibilidade de outra análise, que é uma segunda modalidade de enunciado dividido, onde as posições de sujeito inscrevem-se em Formação Discursiva.

A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. Desse modo a formação discursiva determina o que pode e deve ser dito pelo falante a partir do lugar, da posição social, histórica e ideológica que ele ocupa. Assim podemos entender o motivo pelo qual os militantes de um mesmo partido político devem ter um ideário comum e linguagem comum e quando alguém passa a falar algo que não está de acordo com esse ideário, ele é considerado um dissidente, podendo ser convidado a sair ou mesmo sendo expulso do partido, ou sair por livre e espontânea vontade.

Contudo, por causa do princípio do dialogismo, toda formação discursiva traz dentro de si, outras formações discursivas com que dialoga, contestando, replicando, refutando ou aliando-se a elas para dar força a sua fala. Por outro lado, um mesmo enunciado pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando com isso sentidos diferentes conforme a posição social ou ideológica de quem fala. Isso porque apesar de a língua ser a mesma gramaticalmente falando, do ponto de vista discursivo ela é diferente, isto é, da sua realização, por causa da interferência desses fatores externos: quem fala, para quem se fala, de que posição social e ideológica se fala.

Sabemos que a formação discursiva consiste na noção de condições de produção do discurso, algo que os estudos apresentados por Pêcheux mostravam a necessidade de uma teoria do discurso materialista. Se insere a história e a ideologia perfeitamente, esclarecendo que as conhecidas circunstâncias das condições de produção do discurso e a troca de impressões imaginárias, feitas pelos sujeitos se dão dentro de um conjunto de regras específico que, não só delimita o que se pode dizer, como ordena o que se deve dizer.

O papel do outro ganha cada vez mais destaque nos textos de Pêcheux e é inevitável que ele próprio proponha uma implosão do conceito de formação discursiva. Com a

heterogeneidade sendo constitutiva do discurso, pois ele é um lugar de dispersão mais que de uniformidade, a alteridade passa a ter mais espaço nas reflexões do filósofo, que termina questionando a validade da noção de identidade no discurso.

Essa identidade não é nunca fechada, imutável, já que o interdiscurso revela sempre a flexibilidade de seus limites, portanto, mostra a primazia do olhar do outro sobre o mesmo. A radicalização da dispersão dos sentidos em discurso, estrutura ou acontecimento, de 1983, vai levar o autor a concluir que, se a noção de discurso como maquinaria estrutural não se sustenta, talvez a noção de formação discursiva não tenha mais utilidade para a análise do discurso. No último registro de texto de Pêcheux, o discurso assume a característica de instabilidade radical. Para Henry,

Existem muitos pontos de contato entre aquilo que Michel Foucault elaborou no que se refere ao discurso e aquilo que fez Michel Pêcheux, pelo menos no nível teórico (por exemplo, encontra-se em Foucault uma noção de “formação discursiva” que tem alguns pontos em comum com aquela de Pêcheux), e em particular no nível prático (Foucault nunca tentou elaborar um dispositivo operacional de análise do discurso)... Pêcheux partilhava com Foucault um interesse comum pela história das ciências e das idéias (*sic*) que pode explicar por que ambos, mais do que qualquer outro autor, focalizaram o discurso (HENRY 1993, p. 38).

Como sabemos, na obra “A literatura de Michael Foucault,” a noção de formação discursiva aparece pela primeira vez em A arqueologia do saber, contudo, não numa história tradicional, contínua na qual os seres humanos marcham em busca de resultados, de um devir, mas numa história descontínua que descreve o momento mesmo de surgimento dos acontecimentos discursivos, tornando os inteligíveis em termos de regras que os governam e os regulam.

A arqueologia do saber se constitui numa descrição bastante complexa e didática do método arqueológico, uma teoria que procura compreender o funcionamento dos discursos que constituem as ciências humanas, tomando-os não mais como conjuntos de signos e elementos significantes que remeteriam a determinadas representações e conteúdos, tal como pensavam os estruturalistas tributários de Saussure, mas como um conjunto de práticas discursivas que instauram os objetos sobre os quais enunciam, circunscrevem os conceitos, legitimam os sujeitos enunciadores e fixam as estratégias sérias que rareiam os atos discursivos.

Com o método arqueológico Michel Foucault busca descrever não só as condições de possibilidade dos enunciados que formam as ciências empíricas, mas as condições mesmo de existência desses enunciados.

Para tanto, segundo Foucault (1993, p. 28):

é preciso renunciar a todos os temas – tradição; influência; desenvolvimento e evolução; mentalidade ou espírito; tipos e gêneros; livro e obra; idéia da origem; já dito e não dito – que têm por função garantir a infinita continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida. É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade e dispersão temporal, que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado... Não remetê-lo à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo da sua instância.

Ao colocar em suspenso todas essas sujeições antropológicas, é possível descrever quais os atos discursivos que conquistaram sua liberdade condicionada, após terem passado por um interrogatório que se reativa a cada um dos discursos efetivamente ditos e, que determina aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito autorizado, com base num método aceito, se inserindo dessa maneira no verdadeiro da época. Não se trata, todavia, de qualquer ato discursivo: enunciados do cotidiano, por exemplo, mas de enunciados que manifestam uma incessante vontade de verdade. Esses enunciados sérios então se relacionam com enunciados do mesmo ou de outros tipos e são condicionados por um conjunto de regularidades internas, constituindo um sistema relativamente autônomo, denominado de formação discursiva.

E é nesse sistema que internamente se produz um conjunto de regras as quais definem a identidade e o sentido dos enunciados que o constituem. Em outros termos, é a própria formação discursiva como uma lei de série, princípio de dispersão e de repartição dos enunciados que define as regularidades que validam os seus enunciados constituintes, que por sua vez instauram os objetos sobre os quais ela fala, os sujeitos que legitima para falar sobre esse objeto, definem os conceitos com os quais operará e as diferentes estratégias que serão utilizadas para definir um “campo de opções possíveis para reanimar os temas já existentes, permitir, com um jogo de conceitos determinados, jogar diferentes partidas” (Foucault, 1993, p. 45).

Deduz-se que não existe formação discursiva sem ideologia. Pois a formação discursiva deve ser reconhecida como um conjunto de enunciados que não se reduzem a meros objetos linguísticos. Visto que os sentidos não pertencem às palavras, mas são construídos e interpretados a partir de cada enunciação. As formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas defendidas pelos sujeitos a partir do lugar social que ocupam. Logo, deve-se conceber o discurso como um processo social e histórico.

E, a esse respeito, torna-se importante as ideias de Orlandi (2012, p. 153), ao ratificar que:

Há um princípio discursivo que diz que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. O discurso é o lugar em que podemos observar a articulação entre língua e ideologia. Discursivamente, consideramos que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua. Por isto, ao observarmos como a língua produz sentidos, temos acesso ao modo como a ideologia está presente na constituição dos sujeitos e dos sentidos. (ORLANDI, 2012, p. 153).

Devemos considerar é que o processo de formação ideológica vai se construindo ao longo da formação discursiva, definindo-se ambas social e historicamente. Sobre este assunto, ainda é necessário que se diga que:

O discurso é uma espécie pertencente ao gênero ideológico. Em outros termos, a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas. São as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classes, determinam o que pode e deve ser dito 'a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. (BRANDÃO, 2004, p. 47-48)

Embora os discursos sejam controlados por formações ideológicas que determinam o que pode ou não ser dito, conforme o pensamento do autor citado acima, isso não significa que só a classe dominante possa produzir ideologias, cabendo às camadas menos favorecidas apenas o papel de absorvê-las e aceitá-las. Todos os sujeitos, sob diferentes condições sociais, culturais e econômicas, podem produzi-las e também se rebelar contra aquelas que neguem os princípios da isonomia.

Todavia é pertinente deixar claro que, sendo as formações ideológicas controladoras das práticas discursivas e, por sua vez, dos modos de uso da linguagem, mesmo o usuário da língua não tendo a consciência disso, existe uma força maior que, de certa maneira, regula o teor do conteúdo a ser declarado em função do lugar onde se produzem os discursos e do público a que são destinados, ou seja, por estar inserido em uma conjuntura social, o sujeito não tem o controle absoluto dos sentidos daquilo que enuncia.

De acordo com Brandão (2004), isso faz com que ele, não constitua a fonte primeira nem exclusiva do seu dizer. A ideologia atinge uma gigantesca gama de conhecimentos, tendo em vista que envolve questões ligadas à Filosofia, Arte, Ciência, Religião, Política. Por isso, deve-se analisar a partir da interação social, já que se materializa através das práticas discursivas, tomando por base os eventos culturais, econômicos e históricos.

Assim,

O domínio ideológico coincide com o domínio dos signos: são comumente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico e tudo que é ideológico possui valor semiótico. [...] Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo [...] (BAKHTIN, 2009, p. 32-33)

Ao longo de todo um percurso histórico e sob os mais diferentes prismas, a noção de ideologia vem sendo questionada, deturpada e, por vezes, até suprimida. O certo é que, por mais que tentem defini-la; pela sua abrangência, não é possível efetivar-se de forma única e fechada. Em relação a essa discussão, temos o conceito de ideologia é muito vasto e complexo, argumentando que:

O termo refere-se à consciência de um grupo ou classe, explicitamente elaborada ou não em um sistema ideológico que subjaz às práticas econômicas, políticas e culturais dos membros do grupo, de tal forma que seus interesses (do grupo ou da classe) materializam-se (em princípio da melhor maneira possível). Tanto a ideologia em si quanto as práticas ideológicas derivadas dela são frequentemente adquiridas, exercidas ou organizadas por meio das várias instituições como o Estado, os meios de comunicação, o aparato educacional, a igreja, bem como por meio de instituições informais como a família. (VAN DIJK, 2008, p. 47)

De todo modo, pode se dizer, que a ideologia constitui um conjunto de ideias que refletem a visão de mundo, a ordem social e as representações individuais e coletivas a fim de justificar e explicar as relações que os sujeitos estabelecem uns com os outros.

Em concordância com as ideias de Fiorin, Fairclough (2001, p. 117) defende, em seus postulados, a ideologia como:

[...] significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117)

As formações ideológicas na Análise do Discurso são constituídas de uma ou mais formações discursivas interligadas, caracterizando-se por serem um conjunto complexo de atitudes e de representações, não individuais nem universais. Elas originam as regras que delineiam a produção do discurso em um contexto.

Na constituição dos processos discursivos, é possível se identificar ainda elementos que rompem com a formação ideológica, como o silenciamento e o silêncio. Estes elementos rompem também com a lógica da consciência. O silenciamento se relaciona com a ideologia e com a formação imaginária, representando uma parte do que é dito e não o foi devido ou às sanções impostas pelo contexto de produção do discurso.

Da mesma forma que o discurso falado, verbalizado, o silêncio faz parte do acontecimento discursivo e compõe uma sequência de enunciados dentro de um contexto discursivo. Seu aparecimento também é uma função discursiva em relação à exterioridade onde ele é produzido. O silêncio não quer dizer algo está implícito ou que já está contido no discurso, ele é um modo de estar no sentido com o status de fundador de novos sentidos. E se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante. Estes processos também

correspondem a uma ruptura onde o sujeito comparece no discurso como.

A formação discursiva apresenta-se como resolução dos problemas que as condições de produção do discurso haviam dado a Pêcheux no início do desenvolvimento da Análise do Discurso Francesa. Posteriormente ela se relaciona com o conceito de formação ideológica e interdiscurso. Assim a formação discursiva é tudo que afirma o que se pode dizer dentro de uma formação ideológica dada e é definida através dos interdiscursos que lhe dão possibilidade de existência.

Exatamente por ter em vista a formação social que Pêcheux compreende em seu interior uma força movente, isto é, a formação ideológica. A ideologia não existe em si mesma, mas, isto sim, materializada no nível global das relações sociais, em específico, pelo constrangimento colmatado pelas condições de produção aos sujeitos, na formação social. E, como a sociedade funciona em determinados setores de maneira diferente em relação a outros, tem-se, como no meio midiático e na literatura de autoajuda, produções discursivas relativamente distintas com suas nuances.

Sendo essas produções fruto do funcionamento dos discursos. Dessa forma, é relevante refletir:

Que os discursos não são redutíveis às ideologias, tanto quanto as ideologias não são passíveis de serem superpostas aos discursos. Indica-se que as formações discursivas constituem um componente das formações ideológicas, ou melhor, que as formações ideológicas governam as formações discursivas (ROBIN, 1977, p. 116).

Assim, podemos perceber que:

Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas que se referem mais ou menos diretamente a “posições de classe” em conflito umas com as outras (PÊCHEUX, 2011 [1971], p.73)

Para alguns autores o uso da noção de formação discursiva na AD, derivou para ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dirigida à repetição, maneira de pensar condizente com a noção de máquina estrutural impondo uma interpretação antecipadora a um determinado corpus discursivo.

Na interpretação de Malidier (2010), a noção de formação discursiva praticamente desaparece nos últimos escritos de Pêcheux, mantendo-se somente o conceito nuclear de interdiscurso. Todavia, nos parece que o conceito de formação discursiva é produtivo se partir de seu interdiscurso, e não o contrário. Nessa perspectiva, o interdiscurso está no centro do processo de constituição dos sentidos, enquanto, pode-se afirmar, os agrupamentos dos sentidos seriam as formações discursivas.

Para os estudiosos em análise do discurso, a linguagem está marcada por uma

dualidade radical: ela está atravessada por investimentos formais e por investimentos subjetivos e sociais. Não há discurso senão em decorrência de uma relação intrínseca entre um interior, ou seja, as categorias da língua e um exterior, a dimensão propriamente social que interpela os sujeitos.

Os objetos passíveis da Análise do Discurso correspondem às chamadas formações discursivas. Esse termo define o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada e uma determinada conjuntura. Na superfície discursiva encontra-se um conjunto de enunciados atestados produzidos a partir de certa posição, mas também o sistema de restrições que permite especificar melhor a superfície discursiva. A Análise do Discurso, como afirma Maingueneau:

Esta raridade de enunciados, a forma lacunar e fragmentada do campo enunciativo, o fato de que poucas coisas podem ser ditas, explicam que os enunciados não são, como o ar que respiramos, de uma transparência infinita, mas coisas que se transmitem e se conservam, que têm um certo valor e que buscamos nos apropriar (MAINGUENEAU, 1997, p. 23).

Nessa perspectiva, não se trata de analisar um corpus tendo sido produzido por um sujeito, mas enquanto uma enunciação correlata de certa posição sócio-histórica na qual os enunciadadores surgem substituíveis.

3 AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NO ROMANCE

Obra do escritor português José Saramago, Nobel de Literatura em 1998, com estilo característico de escrever e uma capacidade singular para o uso de metáforas e simbolismos para caracterizar as mazelas que acometem a sociedade. Na obra *Ensaio sobre a cegueira*, publicado em 1995, descreve a situação ocorrida em uma comunidade após o aparecimento de uma infecção com transmissão rápida, que provoca cegueira nas pessoas.

Saramago, para nós, trata suas personagens com certa benevolência. Ele realmente idealiza a figura feminina, mas isso não quer dizer que a construa de forma totalmente positiva, pois ele não deixa de confirmar o arquétipo de grande mãe, protetora, defensora do lar, ou o lugar de submissão, de objeto sexual da mulher. São essas questões que norteiam a fala feminina, no que tange à construção da linguagem e às formas como o segundo feminino é caracterizado em *Ensaio sobre a cegueira*, a partir de traços que efetivamente circulam na cultura e que estão ali para ser reconhecidos e para se tornarem suportes de posicionamentos na recepção da obra.

O reconhecimento de um traço, de uma característica, de uma posição, de uma condição humana é o ponto de partida para condicionar, através da dimensão interpretativa, uma voz interdiscursiva que clama por justiça, por posturas humanitárias, uma voz, enfim, que orienta o posicionamento do destinatário da obra.

No que se diz respeito às representações que circulam sobre o papel da mulher na sociedade, Saramago traz, por meio do discurso literário, figuras do feminino que denotam posições ideológicas sobre a mulher. As personagens femininas transformam-se, assim, em uma mulher signo de alguma coisa, um signo que é revestido de material ideológico.

Deste modo Saramago conduz o leitor a perceber essas construções do papel feminino em diversas passagens do livro, a partir dos dizeres e das ações das personagens femininas, sobretudo da protagonista, sem perder de vista, a contribuição que as personagens masculinas têm nesse processo de constituição do feminino.

Tais construções interpelam o leitor e lhe conferem a responsabilidade de um enunciador que assume essa cumplicidade demandada pelos escritos por Saramago no livro em pauta. Nessa perspectiva, ao dar ênfase à personagem feminina, o autor admite que o papel da mulher e o seu discurso têm valor e poder social.

Dentro dessa história, podemos encontrar os medos, as inseguranças, as frustrações, mas também a conquista dos direitos, a mudança de comportamentos da mulher no último século. Essa idealização feminina feita por Saramago passa, naturalmente, por formações

discursivas e ideológicas presentes na sociedade, mostrando um discurso que se constrói a partir do processo desenvolvido pela mulher ao longo de sua história e que continua sendo buscado por ela diariamente, em todos os espaços da vida social. Saramago utiliza-se de uma dimensão rara e singular da literatura portuguesa: uma constante demanda de um laço que prenda o romance à arte de questionar.

Em outras palavras, seu romance é uma interrogação, ao mesmo tempo que uma amostra sobre o mundo, ou, sobre o que ele é ou poderia ser. Do ponto de vista da interdiscursividade, podemos dizer que a idealização da mulher em *Ensaio Sobre a Cegueira* parte de uma relação com outros discursos, ou seja, outras Formações Discursivas, como o discurso cotidiano, o feminista, o machista, o antropológico entre outros.

José Saramago demonstra, em seu livro, representação e as experiências registradas dentro da história e do percurso da mulher na sociedade, construindo a consciência feminina a partir da reflexão sobre si mesma e sobre o mundo ao seu redor. Assim, ao conferir um lugar de destaque à personagem feminina, às suas atitudes, aos seus comportamentos e às suas falas, Saramago insere em seu discurso a experiência de alguém que, como Beauvoir (1967), rejeita a submissão da mulher ao homem, mas, para tanto, o autor teve que buscar, no âmbito da sociedade contemporânea, o perfil e o papel da mulher, observa:

A mulher, em *Ensaio sobre a cegueira*, ganha destaque ao trazer com ela atitudes que exigem primeiramente força emocional, o que normalmente espera-se ser uma característica do sexo oposto, antes que se realizem procedimentos que exigem força física. Registre-se que isso ocorre não só com a mulher do médico, que é protagonista, mas quase todas as personagens femininas participam vigorosamente dos principais direcionamentos do romance. A mulher do isqueiro, por exemplo, enche-se de coragem para incendiar a camarata onde estavam os cegos malvados, os cegos que violavam as mulheres em troca do repasse de comida para os confinados dos demais grupos e das demais camaratas. (SARAMAGO, 1995, p. 96).

Saramago retratou de forma genérica vários tipos de pessoas que compõem uma sociedade, sendo os personagens denominados de forma impessoal, mostrando seu objetivo de comprovar que eles se constituem em uma amostra da coletividade, que progressivamente vai ficando cega a tudo que ocorre ao seu redor. Cria-se uma cena concreta, uma oportunidade de reavaliação, reflexão. Numa comunidade em que todos ficam cegos, menos a mulher do médico, espera-se que o final seja, no mínimo, a contaminação geral. Assim, espera-se pela cegueira dessa única mulher ainda com visão.

Do mesmo modo que espera-se que novas formas de vida surjam e que um aprendizado da situação mostrada, mas, ao contrário do que se espera, surge uma inesperada recuperação da visão.

Depois de o primeiro cego recuperar a visão, paulatinamente todos vão recuperando a visão. Um tipo de cegueira vai abandonando os cegos, sem garantir que eles não são portadores de outras cegueiras: “costuma-se até dizer que não há cegueiras, mas cegos, quando a experiência dos tempos não tem feito outra coisa que dizer-nos que não há cegos, mas cegueiras” (SARAMAGO, 2008, p. 308).

O texto de Saramago sugere uma nova perspectiva. Sabemos que a literatura cria livremente versões sobre acontecimentos que não são, mas que poderiam ser realidade. Sabemos também que a literatura, não tendo compromisso com nenhum tipo de doutrina, pode, contudo, estar contaminada por diversas doutrinas.

Encerrando a obra, o narrador brinca com a surpresa do leitor, vejamos:

A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava (SARAMAGO, 2008, p. 310).

É uma obra em que conduz o leitor a refletir sobre a situação vivida por cada personagem e assim compreender o quão terrível é estar em mundo mergulhado nessa por problema igual ou similar. Por outro lado, a obra também retrata o egoísmo do ser humano, tão presente e atual em toda história da humanidade, assim como a capacidade de ferir outras pessoas e exigir vários tipos de favores em troca de pseudos atos de generosidade. É algo delicado para se escrever em um livro, mas mostra a verdadeira essência humana.

Por outro lado, o autor conseguiu resgatar vários valores sociais na obra, mostrando que muitas pessoas conseguem trabalhar em grupo, ajudar uns aos outros, preocupar-se com o próximo. Ele mostra também a responsabilidade das pessoas que têm um poder maior sobre os outros e que por isso sofrem muitos tipos de pressão.

Em Ensaio sobre a cegueira podemos perceber que as personagens, ainda que não explicitem suas posições ideológicas de forma direta, nem recebam comentários do autor ou sejam por ele qualificadas ideologicamente, deixam perceber suas “visões de mundo” ou “ideologias” por meio da forma como falam, agem e pelas atitudes que tomam.

Nele, a personagem feminina central detém seu discurso paralelamente ao discurso do autor. A voz da “heroína” é plena e se compõe também por meio das vozes de outras personagens. Assim, a mulher do médico tem autonomia e se constrói como se não dependesse da palavra autoral, mas de si mesma, como um ser pleno que, independentemente do querer do autor, deve sempre ser ela mesma, manter sua coerência, sua própria

consciência. Por outro lado, as ações e dizeres dessa personagem vão pouco a pouco elaborando um ponto de vista, inscrevendo seu lugar na trama, constituindo um enunciador que solicita reconhecimento e posicionamento.

Nesses termos, para uma análise discursiva: trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua intenção; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa minissilenciosa de outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionados a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é essa que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 1969, p. 31-32)

Num tempo em que noções como as de ideologia, luta de classes, proletariado deram lugar a outras como as de globalização, etc. torna-se ainda mais relevante olhar para o micro, para o poder exercido no espaço privado, no cotidiano. Se, em nível de Estado, as mulheres são “iguais perante a lei”, na vida privada ressaltam-se as diferenças, que podem significar ora vantagens, ora desvantagens, ora apenas diferenças. Desvendar essa rede de micropoderes no espaço social é objetivo de uma análise discursiva. Em se tratando de uma análise de humor, tem-se como objeto a representação desses micropoderes, que pode corresponder em maior ou menor medida à realidade.

As ideias defendidas por Michael Foucault em relação aos micropoderes respaldam nossas análises, portanto. Este autor, como vimos, não se apoia na noção althusseriana de aparelhos ideológicos, mas, sem negar a existência de um Poder de Estado, postula que existam micro lutas, não havendo um centro único do poder, que “se espalha por toda a topografia social.

Para Foucault,

o problema – ao mesmo tempo político, ético, social e filosófico – que se nos coloca na modernidade não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e das suas instituições, mas o de libertá-lo das representações de individualização criadas pelo poder globalizador. (GREGOLIN, 2004, p. 138)

Neste sentido, olhar para a representação de aspectos do cotidiano é tratar de relações de poder, já que

nem o controle, nem a destruição do aparelho de Estado, como muitas vezes se pensa – embora, talvez cada vez menos – é suficiente para fazer desaparecer ou para transformar, em suas características fundamentais, a rede de poderes que impera em uma sociedade. (MACHADO, 1996, p. 13)

A literatura contemporânea evidencia um emaranhado de pensamentos fragmentados, já que nos encontramos numa sociedade dissolvida pela ambição, pela disputa de poder e pela conscientização da individualidade exacerbada. E o autor literário tem a capacidade de inserir

em seu texto o reflexo desse mundo fragmentado. Para Gomes (1993, p. 85):

A consciência do autor, mediando as relações entre o mundo e o público leitor, testemunha um tempo que sofre mudanças contínuas e torna-se um intérprete dessas mesmas mudanças e um criador de possibilidades, para além daquilo que é meramente factual. O romance, portanto, acabará por manter relações extremamente ambíguas com a realidade: de certo ângulo, submete-se a ele, ao se transformar num espelho, num reflexo do histórico.

Assim, o autor de um romance possui uma dada intencionalidade: ele tem um objeto e dele faz uso em seu texto por meio da elaboração de vários discursos ali contextualizados. Esses discursos manifestam-se, pois, em torno do objeto, e a dialética se transforma num diálogo social. Há, então, uma combinação dos múltiplos discursos e vozes, interagindo e criando a própria voz do autor. De acordo com Bakhtin (1993, p. 87):

A intenção direta e espontânea do discurso na atmosfera do romance apresenta-se inadmissivelmente ingênua, e, em essência, impossível, pois sua própria ingenuidade, nas condições de romance autêntico, inevitavelmente adquire um caráter polêmico e interno, por conseguinte, também dialogizado.

As personagens são apresentadas do início ao fim da narrativa sem uma denominação nominal, e seguem suas trajetórias abdicando das identidades individuais. Nas palavras da mulher do médico, eles, os cegos, encontram-se “tão longe do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos [...]” (SARAMAGO, 2008, p. 64). Refletir sobre si mesmas e o mundo onde vivem, provoca nas personagens uma “crise de identidade”, já que as identidades só entram em conflito quando algo considerado “fixo é deslocado pela experiência da dúvida, da incerteza” (HALL, 2011, p. 9). Desse modo, os cegos se inserem em um mundo onde nada mais os mantém individualizados, a não ser os flechas de consciência que alguns conservarão, enquanto outros perderão.

No romance, o que favorece a perda de valores considerados fundamentais é a cegueira. A velocidade com a qual se espalha, desestabiliza os mundos concebidos pelas personagens. É preciso surgir um fenômeno de natureza insólita para que os cegos do Ensaio percebam as várias identidades existentes em cada um.

A ideia de uma “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2011, p. 13). A oscilação, a ilusão de uma identidade fixa, desconstrói o mundo idealizado pelos cegos cruelmente, porque eles só passam a compreender a questão da crise de identidade a partir do fenômeno cegueira. Isso indica que por muito tempo ficaram presos na confortadora “narrativa do eu”, onde o indivíduo acredita está imune ao processo de

transformação social, psicológica e moral, sempre tão discutidos pela crítica moderna.

As personagens que seguem abandonadas à própria sorte, com o alastramento da cegueira, sentem com toda intensidade o poder de uma força misteriosa sobre elas, a cegueira que não se explica. Ela age rompendo com a realidade ficcional do texto, e com tudo que é considerado possível. Segundo a pesquisadora Luciana Morais da Silva, na obra *Insólitas veredas* (2013):

[...] O insólito ocorre como ruptura de dada realidade, na contramão da expectativa despertada por determinado acontecimento, como quebra da relação previsível e esperada, confrontando-se, por vezes, no mundo diegético, também insólito (SILVA, 2013, p.21).

Os aspectos de cunho insólito, que aparecem na narrativa, revelam a prática de um comodismo tomado pelas personagens, como conforto eterno. Quando a insólita cegueira manifesta-se, avança com ela, o estranhamento da realidade que até então era concebida como padrão. Cegas, doentes ou loucas como são vistas as personagens após o contágio, elas representam acima de tudo: “[...] a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2011, p. 33).

Na perspectiva de Hall, visualizamos estes indivíduos, como capazes de perderem-se de si e do mundo, e, quando não escolhem o próprio destino, os outros o fazem por eles. Diante dessa possibilidade, o narrador saramaguiano coloca os cegos na situação de conflito, para que desconstruam velhas formas de pensar e agir, despertando-os para uma nova concepção existencial vista em constante reconstrução.

Acreditamos que a crítica social torna-se visível na obra, com a iniciativa do estado em isolar os cegos e os que com eles estiveram. O Ministro da Saúde, não mede esforços para isolar os afetados do convívio social. É direto ao afirmar que os cegos deverão ser levados ao manicômio, postos em quarentena e que tão pouco interessa saber quanto tempo eles ficarão isolados. “Queria dizer que tanto poderão ser quarenta semanas, ou quarenta meses, ou quarenta anos, o que é preciso é que não saiam de lá” (SARAMAGO, 2008, p. 45). A frieza demonstrada pelo ministro revela a atitude de um representante aquém dos interesses populares, que vê, como melhor saída, afastar os anormais – os cegos, da sociedade. Nessas circunstâncias representam as personagens, o sujeito sujeitado, que não tem direito de escolha, totalmente dependente do sistema, ou melhor, vitimado pelo sistema.

A literatura é o caminho utilizado para contemplarmos realidades inexistentes na vida

cotidiana. O leitor, ao ler um texto fictício, debruça-se sobre uma história que ele não teria condições de conceber como pertencente a seu universo particular. O romance de Saramago proporciona essa percepção, quando coloca as personagens em um ambiente ficcional, representando uma verdade fictícia, fundamental para a composição do enredo.

É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quase-sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores (CÂNDIDO, 2011, p.46).

Saramago, mostra ao longo de sua obra, uma população de cegos que passa pelo processo de provação da cegueira, onde todos tornam-se transparentes por força das situações e acontecimentos que são obrigados a vivenciar, o que causa, teoricamente, a ruptura de todos os valores. A queda desses valores, contemplados pelo manto leve da ficção permite a aproximação e o distanciamento das personagens com os humanos.

O discurso literário pode ser visto como uma prática na qual existe a intenção de interpelar o leitor a realizar uma reflexão sobre o tema proposto no enredo de uma dada narrativa. Num romance, por exemplo, podemos encontrar diversas Formações Discursivas que nos permitem analisar os sujeitos enunciativos ali presentes, assim como os caminhos que eles tomam para, de certa forma, apresentar seus posicionamentos, como pode ser observado na obra em análise.

A identidade feminina busca firmar-se na sua autoestima, na sua capacidade de progresso e de liberdade, por meio de direitos políticos igualados, mas também pela(s) posição(ões) que a mulher assume dentro de casa, seja como detentora do orçamento financeiro, seja como condutora da criação dos filhos, seja, enfim, no seu papel de responsável pelo direcionamento de um lar.

Ao analisarmos a figura feminina em Ensaio sobre a cegueira, presenciamos algumas dessas características nos traços das personagens. No texto saramaguiano, as personagens femininas a princípio parecem estar à procura de identidade, em busca da concretização da sua natureza como protetoras e mães, por exemplo. Sua identidade está perdida e fragmentada no caos coletivo que se instaurou via cegueira generalizada. Mesmo nessa condição, elas são valorizadas no romance, uma vez que conduzem toda a situação.

O romance em pauta aponta sempre para uma questão do mundo contemporâneo: a de fazer o ser humano repensar o mundo em que vive, reconhecendo os traços que são

próprios, sobretudo os mais perversos, aqueles que indicam variados tipos de “cegueira”. E é essa meditação – que busca levar o leitor a refletir sobre sua vida – que o autor imputa às suas personagens femininas. Elas devem refletir sobre questões como o respeito, a valorização da vida e a compreensão do mundo.

Saramago cria para suas personagens diversos papéis, que no decorrer do texto, vão se sobressaindo, revelando o poder, ou, ao contrário, a submissão – no discurso sobre a mulher em cada passagem. Trata-se de um mecanismo interdiscursivo de que o autor se serve com maestria para mostrar a história da mulher, caracterizando-a pelos valores em jogo e pela ênfase dada ao discurso das personagens femininas, mas também das masculinas, já que estas também falam da/sobre a mulher, seja diretamente, seja indiretamente ao falarem de si. O trecho, a seguir, apresenta o diálogo entre uma personagem masculina e a mulher do médico, no qual presenciamos a desigualdade entre sexos:

O discurso das personagens femininas é construído a partir desses valores, possuindo traços que não apenas contribuem para formar a imagem da personagem, mas também lhe dão espaço para desenvolver seus próprios papéis, através de elementos retirados da sua própria realidade. Nessa perspectiva, tudo aquilo que representa uma personagem, ou seja, o conjunto de traços que constituem seu perfil é construído a partir de sua própria visão, transformando-se, então, em objeto de sua autoconsciência.

Os traços de sua imagem, ou seja, traços de sua aparência externa, visão essa dada pelo autor por meio da voz do narrador, são colocados em concomitância com a imagem enriquecedora construída através da sua autoconsciência. O autor obriga a personagem a analisar sua figura e a encontrar sua verdadeira função através do seu próprio espelho. A construção do discurso das personagens femininas – sobretudo o da heroína¹, em Ensaio sobre a cegueira fundamenta-se, assim, na constatação da própria autoconsciência da personagem, observada pelo prisma do seu discurso ideológico. O autor não se limita à sua ótica pessoal para construir a personagem, mas, sim, permite que ela se introduza no campo da análise de si mesma e se auto afirme.

3.1 A Participação feminina na sociedade

Mulheres e homens ao longo da história da humanidade desempenhavam papéis sociais muito diferentes. A vida sem sociedade pressupõe expectativas de comportamentos entre os indivíduos. Essas funções e esses padrões comportamentais variam conforme diversos fatores, como classe social, posição na divisão social do trabalho, grau de instrução,

credo religioso e, principalmente, segundo o sexo. Dessa forma, as questões de gênero dizem respeito às relações sociais e aos papéis sociais desempenhados conforme o sexo do indivíduo, sendo o papel da mulher o mais estudado e discutido dentro dessa temática, haja vista a desigualdade sexual existente com prejuízo para a figura feminina.

Contudo, a partir da década de 90, do século passado, a mulher passou a ser vista não mais como sexo frágil, indefesa, e por isso alcançou patamares sociais jamais imaginados, passou a ser protagonista da sua vida.

Os fatores marcantes que contribuíram para esse empoderamento feminino foram às lutas por igualdade de direitos, inserção no mercado de trabalho, o avanço nos estudos, dentre outros. A figura feminina nos setores econômicos, culturais e sociais foram ficando cada vez mais presente.

Assim, o avanço da participação feminina no mercado de trabalho e transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher, se deu pela expansão do acesso à educação e as lutas, então sabendo que o papel feminino estabelecido culturalmente, até a atualidade, é o da mulher como esposa, papel esse retratado nas literaturas também. E, que mesmo com as mudanças ocorridas principalmente na família, à mulher ainda sofre de alguns preconceitos no que se refere a salários e funções abaixo de sua formação, assédio sexual, estado civil, dentre outros.

Dessa forma, apesar das dificuldades, a mulher também obteve muitos ganhos como o sentimento e a realização de está inserida no mercado de trabalho obtendo sua individualidade e seu espaço. Como se pode ver, pouco antes, em 1975 fatos marcantes aconteceram que ele ficou considerado o ano Internacional da Mulher, porque nesse período realizava-se a I Conferência Mundial da Mulher sob o lema “Igualdade, Desenvolvimento e Paz”. Tema central: a eliminação da discriminação da mulher e o seu avanço social. Outras conferências foram feitas entre os anos de 1980 até 1995, neste último realizava – se a IV Conferência Mundial sobre a Mulher com tema central “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”, China. Essas conferências tinham como objetivos afirmar os direitos das mulheres como direitos humanos e comprometidos com ações específicas para garantir o respeito a esses direitos.

Portanto, as mulheres alcançaram não somente apenas um espaço, mas vários, e um deles, a literatura. Um espaço pelo qual se trabalha com a ficção, sendo realizadas as mais variadas manifestações culturais sobre a mulher, sejam elas para denunciar, criticar, enaltecer ou até mesmo somente para mostrar sua importância.

Nesse viés, a literatura é muito mais que a recriação da imaginação ou ficção, mas a

utilização da verossimilhança para questionar a realidade e alguns comportamentos dos seres humanos no contexto social, proporcionando reflexões, e abordagens de teor discursivo. Dessa forma, pode se dizer que a mulher é uma fonte infindável de diversas peculiaridades cruciais para estudos.

Assim a representatividade feminina é uma forma pela qual ganha um espaço de inserção, pois através dessas representações as mulheres têm possibilidades de conquistarem respeito e seus direitos. Por isso, busca-se pesquisar como o discurso usado por José Saramago produz características sobre a mulher em relação ao seu protagonismo na obra *Ensaio Sobre a Cegueira*. Além do mais, propõe-se pesquisar as críticas sobre a sociedade e como é vista a figura feminina, bem como o discurso sobre a mulher.

Em linhas gerais, podemos perceber que à mulher se atribui uma identidade sexual e social, e como essa identidade é elaborada no romance em foco, de modo a constituir os lugares de inscrição da mulher. Nesse sentido, podemos reafirmar que a mulher está inscrita no texto. O fio discursivo propõe, sem o dizer explicitamente, uma busca de autoafirmação, por meio de um ponto de vista crítico que surge do não dito, do implícito, em contraposição à encenação que expõe os lugares de inscrição da mulher, lugares que interpelam um destinatário a reconhecê-los e a se posicionar, aceitando-os ou recusando-os.

Em todos os lugares, a mulher ainda carece de reconhecimento e valorização da sua cultura e do seu ser. Se o mundo ocidental começou a aceitar melhor os atributos e as capacitações do sexo feminino, convivemos ainda com sociedades em que a mulher é totalmente reprimida e inibida, postulada como um agente do espaço doméstico, da alcova, do afeto maternal ou da histeria neurótica. Para Rosado (1979, p. 35),

[...] o que talvez seja mais notável e surpreendente é o fato de que as atividades masculinas, opostas às femininas, sejam sempre reconhecidas como predominantemente importantes e os sistemas culturais deem poder e valor aos papéis e atividades dos homens.

A relevância do discurso foucaultiano bem como, papel feminino idealizado por Saramago, na obra “*Ensaio sobre a cegueira*” possibilitando que os objetivos sejam alcançados no que tange o âmbito social, o entendimento da realidade, da política, social, econômica, cultural e institucional visando a transformação que promova o desenvolvimento eficaz e que possa imperar outros trabalhos nessa mesma linha de pesquisa, correspondente com a grande diversidade que é o país.

Outro fato a ser considerado é que a representatividade feminina nas literaturas ainda é um problema, visto que as mulheres sofrem diariamente com discriminações, sejam elas por

sua escrita ou pelas denúncias, através das literaturas, e que discursos usados referentes a mulheres exijam uma análise muito mais profunda dentro do ambiente que estão inseridas. Dentro desse contexto, esse trabalho será a pedra de toque, para outros trabalhos, e poderá contribuir com informações para estudantes e demais interessados que atuam na área da análise do discurso.

Além disso, é fundamental para a construção da propagação do conhecimento, pois estimula a busca por respostas, incentiva novas descobertas e auxilia no crescimento, mostrando para o pesquisador que não encare apenas como uma atividade obrigatória do curso, mas sim como uma oportunidade de aprender cada vez mais sobre o assunto, vendo o quanto é importante pra si, bem como para a sociedade como um todo.

Além disso, a obra escolhida provoca inquietações levantadas ao ler, despertando questionamentos que por hora outras obras não despertaram, como questões em relação ao discurso, a representatividade feminina, ideologia e críticas a sociedade. Entretanto, várias obras já publicadas podem está relacionada com essa problemática, mas na obra Ensaio Sobre a Cegueira o papel da mulher desperta a busca pelo entendimento dos discursos, que constroem essa representatividade feminina.

Por outro lado, é uma obra bem emblemática, cheia de reflexão, as quais levam o leitor a sofrer com os personagens, bem como se torna uma literatura da atual realidade, que mesmo sendo escrita em 1995, pode perfeitamente ser comparado com vários momentos da sociedade, um fato relevante e atual é Pandemia que o país estar sofrendo atualmente. Além disso, várias obras podem tratar sobre a temática aqui já citada, no entanto, na obra Ensaio sobre a Cegueira tem uma escrita diferenciada, com um teor que reflete um período da história da humanidade, bem como uma linguagem única que leva o leitor a refletir sobre temas que estão presentes por toda uma vida.

Por isto, mostrar a importância de sempre estar atento a situações referentes a mulher, e que ter conhecimento sobre esse assunto é fundamental para a construção de um processo de aprendizagem como um todo. De tal forma, que novas descobertas, permitem ao indivíduo uma capacidade de valorizar e aprimorar cada vez mais os seus horizontes, de forma significativa com a percepção de um progresso em desenvolver um pensamento mais crítico e intelectual.

Sabemos que a mulher foi fundamental para o processo de formação da sociedade, assim é importante dizer que mesmo com as injustiças e preconceitos sofridos por elas, questiona-se sobre a relação dos discursos e consequências que trazem ao serem ditos ou escritos.

A mulher do mundo contemporâneo tem um papel bastante representativo e heterogêneo: ela é mãe, esposa, profissional, dona de casa, participando, assim, tanto do planejamento quanto do sustento familiar.

O século XX representou um grande avanço para a mulher, mesmo que ainda haja um longo caminho a ser trilhado para atingir a tão almejada igualdade entre os sexos. Suas conquistas lhe deram mais liberdade de agir e de se expressar, marcando a sociedade como um todo. Novas perspectivas surgiram, e a mulher se destacou em diversos segmentos sociais, políticos e culturais do mundo.

Em Ensaio sobre a cegueira, podemos perceber que as personagens, ainda que não explicitem suas posições ideológicas de forma direta, nem recebam comentários do autor ou sejam por ele qualificadas ideologicamente, deixam perceber suas visões de mundo ou ideologias por meio da forma como falam, agem e pelas atitudes que tomam. Nele, a personagem feminina central detém seu discurso paralelamente ao discurso do autor. A voz da heroína é plena e se compõe também por meio das vozes de outras personagens.

Na sociedade, apresentada na obra Ensaio sobre a Cegueira, a mulher do médico tem autonomia e se constrói como se não dependesse da palavra autoral, mas de si mesma, como um ser pleno que, independentemente do querer do autor, deve sempre ser ela mesma, manter sua coerência, sua própria consciência. Por outro lado, as ações e dizeres dessa personagem vão pouco a pouco elaborando um ponto de vista, inscrevendo seu lugar na trama, constituindo um enunciador que solicita reconhecimento e posicionamento.

A heroína ocupa um lugar de inscrição do feminino na obra não apenas por seu próprio dizer e fazer, mas também pelo lugar que as outras personagens, além do próprio narrador) postulam para ela, lugar do feminino que também solicita reconhecimento, cumplicidade e posicionamento. Nesse sentido, entendemos que a figurativização das personagens pode surgir de passagens não descritivas, por meio de opiniões e atitudes assumidas por elas que servirão para qualificá-las e, portanto, para figurativizá-las de um modo e não de outro.

Saramago constrói, através da sua visão, uma representação da protagonista, a mulher do médico, como a heroína consciente, mais que as outras mulheres, pois há, ao longo do livro, aquelas que também revelam traços de loucura e crueldade típicos dos homens. Possui traços que carregam consigo posições ideológicas oriundas de diversos discursos que permeiam os imaginários em torno da figura feminina. É um ser que toma consciência do seu papel na narrativa, sem deixar de reconhecer os outros papéis.

Entretanto, é necessário que exista um distanciamento entre o autor e a personagem.

É aí que atua a autoconsciência: “A autoconsciência enquanto dominante artístico na construção do modelo de herói pressupõe ainda uma nova posição radical do autor em relação ao indivíduo representado” (BAKHTIN, 2005, p.57).

O discurso sobre o feminino, ou seja, sobre a participação da mulher em sociedade, apresentada na obra de Saramago, nos mostra, paradoxalmente, toda a fragilidade e força do universo feminino. Se por um lado o universo feminino se mostra fortificado pelas grandes decisões advindas paradoxalmente da fragilidade, e, sobretudo pela resistência à sedução do poder num momento em que este estaria ao alcance fácil das mãos, a mulher assume a figura da sensatez, do realismo, mesmo a da pureza, ao passo que o homem se entrega ao desespero, à delinquência moral diante da condição em que se encontra, e que é incapaz de resolver sem o uso da condição feminina.

Nesse conflito e nessa exposição do ser humano diante de uma situação que o torna indefeso e frágil, duas figuras dominantes parecem se delinear uma figura do feminino, que busca uma saída por meio da manutenção de uma certa ordem; e uma figura do masculino, que se entrega ao desespero e à tirania diante de uma situação que interpela sua virilidade original, evocando a perda de seu poder natural, e que, diante disso, não vai muito além dessa luta pela manutenção de seu poder ainda que simbólico.

Embora seja nítida a mudança do papel da mulher em nossa sociedade, podemos concordar com Rosado e Lamphierre (1979, p. 19), quando afirma que:

Em todas as sociedades contemporâneas, de alguma forma, há o domínio masculino, e embora em grau de expressão de subordinação feminina varie muito, a desigualdade dos sexos, hoje em dia, é fato universal na vida social.

Em outras palavras, seja qual for seu meio social, a mulher da atualidade é ainda caracterizada por sofrer, em certo grau, a força do domínio masculino. Embora suas conquistas, advindas de muitas lutas e manifestações ao longo das décadas, sejam indiscutivelmente significativas, ela, muitas vezes, ainda se incrusta no estereótipo de sua inferioridade em relação ao homem.

O aspecto biológico parece impor certa hierarquia entre a força do homem e a fragilidade da mulher, mas não pode nos dizer muita coisa sobre o mundo social em que vivemos, produto da cultura e da história que, em certo sentido, refletiu a força física do homem e seu papel na imposição dos lugares da mulher.

Por outro lado, esse mesmo fator biológico não pode nos explicar porque a força e as atividades masculinas, em geral, parecem ser valorizadas pelas pessoas em todas as culturas,

mas a história poderá nos dar pistas do exercício da força na constituição da dominação.

3.2 A relação do discurso de Foucault com os personagens femininos na obra de José Saramago

Estudar a figura da mulher na obra de José Saramago tem nos despertado um verdadeiro interesse pelo discurso sobre o feminino, pois sabemos que hoje a mulher assume diversos papéis sociais e culturais dentro do mundo contemporâneo, contudo, continua sendo representada em vários discursos sociais de maneira conservadora, evocando, de certa forma, formações discursivas que impõem ainda à mulher certos lugares de inscrição social, como se ainda estivéssemos vivendo em suma sociedade primitiva onde homens e mulheres possuísem papéis distintos e imutáveis, escolhido de acordo com o gênero.

Quando paramos para compreender a história e a representação do feminino, percebemos que tais estudos sobre o papel da mulher na sociedade geralmente são feitos por antropólogos, sociólogos, filósofos, ou estudiosos afins. Contudo, a questão já parece tão discutida, atinge diversas áreas de interesse, tal como a linguística e os estudos literários.

Para Rosado e Lamphierre, tudo que desenrola na sociedade envolve de alguma forma a figura da mulher e afirma que:

A fim de corrigir estes preconceitos, de alterar nossas concepções da mulher e de compreender suas origens, o que necessitamos são novas perspectivas. Hoje em dia parece razoável argumentar que o mundo social é a criação de ambos agentes masculinos e femininos e que toda compreensão plena da sociedade e qualquer programa viável para uma mudança social, terá de incorporar os objetivos, os pensamentos e as atividades do segundo sexo (ROSADO e LAMPHIERRE, 1979, p.18).

Como já dissemos, o discurso e a representação da mulher é objeto de estudos multidisciplinares e, no âmbito da literatura, vários trabalhos realizados. A literatura de José Saramago é antes de tudo uma reflexão sobre a vida, pois revela-se uma literatura crítica do homem contemporâneo.

Neste sentido, na obra *Ensaio Sobre a Cegueira*, além de promover reflexão, sobre o mundo, conduz o seu leitor a uma reflexão sobre o mundo e sobre a natureza humana, Traz a luz das discussões a leitura da figura da mulher, através das ações das personagens femininas, suas falas e funções na narrativa é igualmente por meio de sua relação com as personagens masculinas, seja pelo modo como esses últimos as tratam, seja pelas representações que evocam através de seus comentários sobre a mulher.

A idealização da mulher ocorre sob variados aspectos e é importante que se diga que

não se limita a um ideal positivo de mulher, mas a ideologias circulantes no campo social e que, de certo modo, surgem por meio de representações evocadas na trama narrativa. A mulher é detentora de um saber, de uma integridade e de uma moral e, muito mais que isso, é objeto de um certo saber sobre ela que termina por inscrevê-la em lugares que, em sua maioria, advêm do olhar masculino.

Nota-se que há valores empregados por Saramago no que diz respeito à posição e ao papel da mulher nesse romance através de algumas propostas teóricas. Assim, nos propomos demonstrar através do campo da análise do discurso e da análise literária quais são as estratégias utilizadas por este autor ao revelar a posição da figura da mulher em sua obra. Para isso analisamos como as personagens femininas comportam-se, como são caracterizadas, que funções desempenham na narrativa, que relações estabelecem com os homens e como estes as veem, as sentem, as situam.

A protagonista, bem como as demais personagens femininas de Ensaio Sobre a Cegueira, em diversas passagens do texto, assume papéis centrais, funcionando como as verdadeiras condutoras da narrativa de Saramago, os papéis que, de modo geral, permitem à narrativa desenvolver. Por isso podemos afirmar que as personagens femininas deste romance são euforizadas pelo autor e possuem características fortes advindas da sua própria autoconsciência. Vejamos a passagem abaixo que esclarece essa afirmativa:

Então será preciso racionar os alimentos que vierem chegando, disse uma voz de mulher, Parece-me uma boa ideia, se quiserem falaremos amanhã, De acordo, disse a mulher. Já o médico se retirava quando ouviu a voz do homem que primeiro tinha falado, A saber quem é que manda aqui. Parou à espera de que alguém respondesse, fê-lo a mesma voz feminina, Se não nos organizarmos a sério, mandarão a fome e o medo, já e uma vergonha que não tenhamos ido com eles enterrar os mortos, Por que é que não os vai enterrar você, já que é tão esperta e tão sentenciosa, Sozinha não posso, mas estou pronta para ajudar (...) (SARAMAGO, 2008, p. 96).

O homem transmite suas experiências através da linguagem e, ao transmiti-la, coloca nela um significado. Então percebemos, através da obra de José Saramago que a linguagem utilizada para apresentar o discurso feminino é muito importante, do ponto de vista da representação desta mulher perante a sociedade em que vivemos. Igualmente é valoroso o discurso das personagens femininas e dialógico que essas formas de construção parecem denotar, através de formas ora convergentes ora divergentes, a que enunciadore, ou pontos de vista.

Essas formas não denotam a própria heterogeneidade dentro do texto, já que representam posições distintas sobre os lugares da mulher, possuindo, portanto, um valor simbólico que interpela o leitor e reclama uma certa cumplicidade. Enxergamos uma escrita sobre a mulher um tanto que renovadora e protetora, cujo domínio nem sempre vem da

personagem masculina. Propomos desdobrar o texto internamente, mostrando ao leitor do nosso presente trabalho uma leitura capaz de evidenciar alguns processos da construção da linguagem do discurso sobre a mulher em Saramago.

A linguagem do ser humano está carregada de sofrimentos internos, absorvidos da sociedade em que vivemos das quais nós mesmos construímos a partir de valores morais coletivos, cujo diálogo diferenciado evoca visões sobre o homem e sobre a mulher. Falar da obra deste escritor não é tarefa fácil, principalmente quando se pretende abordar um romance denso como é o caso de *Ensaio Sobre a Cegueira*. A partir de leituras do autor russo Mikhail Bakhtin, percebemos que o mundo transmite e o homem responde a esta transmissão da linguagem. Desse modo, o diálogo é estabelecido entre o “eu” e o “outro”, no que Bakhtin chama de processo dialógico ou dialogismo. Para ele, no romance, realiza-se o reconhecimento de sua própria linguagem numa linguagem do outro, o reconhecimento de sua própria visão na visão de mundo do outro (BAKHTIN, 1993, p.164).

Situada dentro desse processo dialógico, a obra de Saramago nos apresenta um conjunto de figuras da mulher que encontra eco na sociedade e pode ser reconhecido e interpretado com pertinência pelo leitor. O modo como Saramago dispõe de suas personagens femininas, as constrói e as livra ao olhar do leitor expõe uma visão de mundo, ou alguns pontos de vista, reconhecíveis e não necessariamente correspondentes ao do próprio autor. Ele se serve desses pontos de vista, ou enunciadores, para construir a sua trama narrativa. O reconhecimento desses pontos de vista denotados pela forma de construção dessas

É singular o comportamento da protagonista na obra *Ensaio sobre a Cegueira*, que mostra o desespero de uma epidemia que assola uma cidade não identificada, retirando a capacidade de enxergar. O foco do livro encontra-se em uma mulher que apesar da epidemia, encontra-se ainda com sua visão e, portanto, auxilia os que estão à sua volta.

No decorrer da obra podemos perceber inquietação da personagem ao se deparar com a falta de sensibilidade dos cegos e com as barbáries que se seguem. A angustia da personagem principal diante do caos, que se alastra pelo mundo inteiro, nos remete a angustia vivenciada pelo mundo da Coisificação, Alienação e Desumanização.

Saramago nos leva a refletir sobre a cegueira. Estamos todos cegos? Foucault observou a cegueira em que se encontra a humanidade como nenhum outro filósofo. Seu olhar se dirige às sociedades modernas e analisa um tipo de poder que se exerce sobre a totalidade da vida dos seus indivíduos, cegando-os. Este tipo de domínio, Foucault chamou de Biopoder.

O fator tempo e sociedade, dizem muito sobre as obras literárias, porém, escrito em 1995, *Ensaio sobre a cegueira* é bastante atual no que tange à questão feminina. O livro

apresenta uma multiplicidade de papéis exercidos pelas mulheres na sociedade: dona de casa, prostituta, mãe, secretária, camareira, além dessa diversidade de funções existente na obra, cada papel é também multifacetado, uma vez que as mulheres em questão são também filhas e esposas. Com isso, Saramago acaba por diluir suas identidades na de uma mulher universal, assim constatado pelo fato de as personagens não terem nome, nem características particulares claramente expostas, de modo que cada uma daquelas mulheres pode representar qualquer uma de nós.

A personagem principal, mulher do médico, suscita ambíguas interpretações acerca de sua personalidade, de maneira que é relevante trazer à tona essa discussão. Onde exatamente se situa a linha tênue que separaria a subserviência – resquício de valores de uma sociedade patriarcal e da ideia de que a mulher deve ser protetora e maternal – do simples altruísmo inclusive presente na figura feminina contemporânea? Seria fácil condená-la por machismo tendo em vista o fato de que ela mentiu para cuidar de seu marido, revelando uma possível submissão. Mas, não seria essa visão demasiadamente parcial, se pensarmos a ação como uma bondade inerente ao ser humano? Não agiria ela assim se, em lugar de seu marido, estivesse sua irmã ou mãe? E mais, não agiria o próprio médico da mesma maneira se as situações fossem invertidas? Assim como essa provocação, existem inúmeras outras feitas por Saramago no decorrer do livro, desencadeando discussões muito pertinentes acerca da condição feminina no que diz respeito à sua complexidade.

Sobre a moça dos óculos escuros, o autor divaga sobre sua profissão, questionando as definições do senso comum:

Ela, a prostituta, tem, como a gente normal, uma profissão, e, também como a gente normal, aproveita as horas que lhe ficam para dar algumas alegrias ao corpo e suficientes satisfações às necessidades, as particulares e as gerais. Se não pretender reduzi-la a uma definição primária, o que finalmente deverá dizer dela, em lato sentido, é que vive como lhe apetece e ainda por cima tira daí todo o prazer que pode.

Diante do caráter provocativo do narrador, um dos episódios que mais choca o leitor é a sucessão de estupros coletivos dentro do manicômio. Uma vez cegos, os personagens sofrem uma espécie de crise de identidade que os obriga a reconstruir seus valores morais e sociais para sobreviver, cedendo espaço, dessa maneira, ao completo individualismo. O que se questiona é que, diante de tamanha degradação na condição de cegos e prisioneiros, a totalidade de homens na camarata três sinta necessidade de reafirmar sua suposta supremacia masculina, subjugando mulheres de outras camaratas através do sexo não consensual.

O que se observa a seguir é mais um desafio de José Saramago ao leitor, quando expõe o machismo presente nos homens e maridos da camarata principal da obra – cena que precede o estupro:

Acalmaram-se algumas das mulheres, deste modo chamadas à razão, mas uma das outras, subitamente inspirada, lançou uma nova acha à fogueira quando perguntou, irônica, E o que é que vocês fariam se eles, em vez de pedirem mulheres, tivessem pedido homens, o que é que fariam, contem lá para a gente ouvir. As mulheres rejubilaram, [...] agora queriam ver até onde ia a tão apregoada coerência masculina, Aqui não há maricas, atreveu-se um homem a protestar, Nem putas, retorquiu a mulher que fizera a pergunta provocadora, e ainda que as haja, pode ser que não estejam dispostas a sê-lo aqui por vocês. Incomodados, os homens encolheram-se, conscientes de que só haveria uma resposta capaz de dar satisfação às vingativas fêmeas, Se eles pedissem homens, nós iríamos, mas nem um deles teve a coragem de pronunciar estas breves, explícitas e desinibidas palavras, e tão perturbados ficaram que nem se lembraram de que não haveria grande perigo em dizê-las, uma vez que aqueles filhos de puta não queriam desafogar-se com homens, mas com mulheres.

A subversão aos ideais machistas pode ser verificada através de dois importantes acontecimentos no decorrer da narrativa. O primeiro é a reação da moça dos óculos escuros ao assédio sexual do ladrão, fato que acaba por desencadear a morte dele, posteriormente. O segundo é o assassinato do chefe da camarata três cometido pela mulher do médico, em resposta às agressões sofridas por ela e por todas as mulheres do manicômio. Dessa maneira, vê-se que, assim como acontece na contemporaneidade, as mulheres do livro não estão completamente reprimidas, uma vez que os homens não conseguem mais fazer com que elas o sejam, nem aceitam a condição de subordinadas, como, em pleno século XIX.

Controlar a vida, o comportamento, a sexualidade, são formas das sociedades modernas de capturarem a vida. No Bipoder, o que antes se encontrava fora do domínio social e político, como os desejos, paixões e a vida em sua forma mais pura, agora encontra-se nos cálculos do controle.

No mundo globalizado, com a mundialização do capitalismo, se torna necessário por parte dos poderes um controle cada vez maior sobre o ser humano, a fim de gerir o consumo, manter a desigualdade e desumanizações, sem interferências.

Este poder se estabelece dando aos indivíduos rótulos sociais, como pai, filho, mulher, heterossexual, entre outros. A partir daí uma cegueira se estabelece, onde os indivíduos serão controlados e agirão conforme as identidades que foram construídas pelos diversos poderes sociais.

Para Foucault, o simples fato de se definir como isso ou aquilo, já é o suficiente para ter sido capturado por esses jogos de poderes, onde lhe serão apresentados um limitado jogo de regras e comportamentos a serem seguidos, cegando e limitando a vida. É essa desordem que talvez Saramago tenha enxergado em seu livro, onde a desesperança de um ser humano capturado pelo poder e subjugado a uma vida medíocre, tenha angustiado o autor e que foi metaforizado pela história da cegueira branca ao longo das páginas de Ensaio sobre a Cegueira.

Notadamente as personagens femininas de Saramago, em Ensaio sobre a cegueira, são movidas por um discurso ideológico feminino na busca de seu reconhecimento, algo que envolve a autoconsciência que determina o papel da mulher em seu texto. As mulheres que se destacam no romance representam o discurso sobre a mulher dentro da obra, hora afirmando alguns estereótipos enraizados nos imaginários sócios discursivos, hora contrapondo-se a tais estereótipos.

A mulher do médico, sempre no centro da narrativa e das decisões, como protagonista e responsável por guiar os cegos; a rapariga de óculos escuros, agindo como mãe, protetora e, por vezes, mostrando-se descontrolada, devido ao momento tenso em que todos se encontram; a mulher do primeiro cego, num primeiro momento submissa, mas se tornando, no desenrolar da trama, decidida e em busca da sua autoafirmação perante o marido e as circunstâncias que a cercam.

É, principalmente, por esse prisma que tais personagens femininas revelam os perfis das mulheres saramaguianas no romance em foco. Suas condutas, seus comportamentos, suas falas, fazem parte do emaranhado da figura feminina no texto, tecendo seu sentido e evidenciando as representações da mulher nele presentes.

As personagens femininas que se apresentam no romance são movidas pela antítese homem e mulher, pela posição do gênero em suas falas e em seus comportamentos ao longo de todo o romance. Elas buscam uma identidade e têm consciência do seu papel, de sua importância e do seu lugar no desenrolar dos acontecimentos. As personagens possuem papéis expressivos, embora não sejam nomeadas e sim denominadas pela situação ou pela profissão que exercem. Assim devem ser compreendidas como seres imbuídos de valores humanos que colocam estes valores acima de quaisquer outros, onde a única alternativa é superar a lógica do capital onde prevalece a competição e injustiça e desigualdade entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, soa paradoxal o fato de a protagonista, a única que mantém a visão e, por isso mesmo, torna-se apta a guiar os outros, ser denominada a mulher do médico. Talvez com isso, o autor do romance queira subverter ou mesmo ironizar uma das

características machistas da nossa sociedade: aquela que vê as mulheres como seres dependentes e coadjuvantes dos homens, estes, sim, os “verdadeiros” líderes, os “verdadeiros” heróis.

Sobre a falta de nomes próprios em Ensaio sobre a cegueira, a seguinte passagem é emblemática:

Ainda estava nesta balança entre a curiosidade e a descrição quando a mulher fez a pergunta direta, Como se chama, Os cegos não precisam de nomes, eu sou esta voz que tenho, o resto não é importante, Mas escreveu livros, e esse livros levam o seu nome, disse a mulher do médico, Agora ninguém os pode ler, portanto é como senão existissem (SARAMAGO, 1995, p. 275).

O diálogo que então tem lugar entre a mulher do médico e o cego de nascença é revelador:

Parada à entrada da camarata, a mulher do médico gritou com fúria, Lembrem-se do que eu no outro dia disse, que não me esqueceria da cara dele, e daqui em diante pensem no que vos digo agora, que também não me esquecerei das vossas, Hás de pagar-mas, ameaçou o cego da contabilidade (...) Não sabes quem eu sou nem donde vim, (...) A voz não me engana, basta que pronuncies uma palavra e estás morta, O outro também tinha dito isso e aí o tens, Mas eu não sou cego como ele, como vocês, quando vocês cegaram já eu conhecia tudo do mundo, Da minha cegueira não sabes nada, Tu não és cega, a mim não me enganas, Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei e tornarei a matar se for preciso, Antes disso morrerás de fome, (...) Por cada dia que estivermos sem comer por vossa culpa, morrerá um dos que aqui se encontram, basta que ponha um pé para fora dessa porta”(SARAMAGO, 1995, p.187-188).

A fala da mulher do médico mostra claramente que ela entende a relação entre a cegueira física e a cegueira ética de que trata toda a história ao admitir que seu ato, embora possa ser compreendido como um gesto de auto-defesa, privou um homem da vida e, portanto, fez dela alguém mais cego do que todos os cegos juntos. Essa consciência profunda da condição humana e de seus compromissos com os demais humanos e consigo mesmo é precisamente o que faz dessa personagem a única pessoa capaz de ver dentro desse recinto. Em defesa de todos os fracos, especialmente das mulheres, de seus corpos, de sua dignidade humana, ela abre mão de sua visão e de sua lucidez e mergulha de cabeça na cegueira de todos.

Uma das contribuições mais notáveis de Foucault para a crítica social contemporânea, em especial no que concerne às preocupações feministas, é a questão do poder e saber.

o poder e o saber estão entrelaçados. O poder não é apenas coercitivo ou repressor, mas produtivo, heterogêneo, e atua através de "práticas e técnicas que foram inventadas, aperfeiçoadas e se desenvolvem sem cessar. Existe uma verdadeira tecnologia do poder, ou melhor, de poderes, que têm cada um sua própria história" (Foucault, 1999, p. 241).

Em cada sociedade, há uma espécie de conjunto de valores, com seus mecanismos particulares de produção. Foucault (1995, 1999) diz-nos que “a Verdade nunca está fora do sistema de poder e que não há uma Verdade sem poder. Rejeitando a hipótese repressiva do poder, em que o poder só operaria a partir do sistema coercitivo das leis ou do Estado”. Neste ponto o autor descreve a complexa rede de tecnologias e de sistemas disciplinares pelas quais o poder opera, particularmente através das disciplinas normalizantes da medicina, da educação e da psicologia na modernidade. A noção de poder inclui a possibilidade de resistência, que é fundamental na contraposição a todas as formas de opressão e violência.

As ideias de Foucault muito contribuem para a compreensão sobre o feminismo, assunto amplamente abordado na obra de Saramago. Em especial, no que diz respeito à perspectiva analítica do poder, e as relações de poder, às normas sociais, às críticas ao sujeito moderno e sua concepção de sujeito e subjetividades. Além da desnaturalização de categorias, como mulher, tal perspectiva analítica contribui tanto para uma leitura das dinâmicas sociais quanto para uma autoanálise dos feminismos e suas disputas. Da mesma forma, também que há diferentes críticas provenientes das feministas ao autor, principalmente, no que tange às subjetividades, à noção de poder e ao androcentrismo.

Não acredito que possa haver uma sociedade sem relações de poder, se as compreendermos como os meios pelos quais indivíduos tentam guiar, determinar o comportamento de outros. O problema não é tentar dissolvê-las na Utopia de uma comunicação perfeitamente transparente, mas dar ao próprio eu as regras da lei, as técnicas de controle, e também a ética, o ethos, a prática de si, o que permitiria esses jogos de poder serem jogados com o mínimo de dominação. (FOUCAULT, 1981, p. 12)

Foucault entendia ser pura abstração uma sociedade sem relações de poder. As múltiplas interações dessas relações de poder, por sua vez, cruzariam a estrutura social; fato que não se limitaria a um local determinado, mas se alargaria sobre o corpo social em sua base espaço-temporal. Aí, as relações de poder possibilitariam e formatariam as ações cotidianas dos sujeitos. (MACHADO, 1981) Por isso:

Uma sociedade não é um corpo unitário no qual se exerceria um poder e somente um, mas é, na realidade, uma justaposição, uma ligação, uma coordenação, uma hierarquia também, de diferentes poderes, porém diferentes poderes que permanecem na sua especificidade; [...] Portanto, a existência de região de poder; a sociedade é um arquipélago de poderes diferentes. (FOUCAULT, 1981, p. 26)

Estudando o esqueleto dos Estados capitalistas neoliberais do Ocidente, Foucault aponta para a necessidade de se produzir sujeitos capazes de atender às pretensões econômicas e políticas do Estado neoliberal. Com o foco na socialização do sujeito,

conduzindo-o para a adequação das condições de produção e consumo, o Estado, que exerce o poder de “fazer morrer e deixar viver sobre o sujeito”, prima pelo controle social de suas competências físicas e mentais:

O poder é essencialmente o que reprime. É o que reprime a natureza, os instintos, uma classe, indivíduos. [...] Então, a análise do poder não deve ser antes de mais nada, e essencialmente, a análise dos mecanismos de repressão? [...] Teríamos, pois, diante da primeira hipótese – que é: o mecanismo do poder é, fundamental e essencialmente, a repressão –, uma segunda hipótese que seria: o poder é a guerra, é a guerra continuada por outros meios. O poder político, nessa hipótese, teria como função reinserir perpetuamente essa relação de força, mediante uma espécie de guerra silenciosa, e de reinseri-la nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, até nos corpos de uns e de outros. (FOUCAULT, 2002, p. 21-23)

Socialização essa que possui a educação, a persuasão, o treinamento, as inclinações psicológicas (a solidariedade social ou iniciativa individual, a necessidade de se ter a identidade por meio do labor) e a mobilização (da ética do trabalho, do comprometimento e da realização do sujeito para com seu semelhante em âmbito local e nacional) como instrumentos. (HARVEY, 1992) O poder não é uma mercadoria sobre a qual se faça comércio, nem um conhecimento adquirido em lugares de ensino, nem um capital com o qual se empreenda investimentos, nem um bem sobre o qual se tenha posse uma vez que:

“Dominar, “dirigir”, “governar”, “grupo no poder”, “aparelho de Estado”, etc... é todo um conjunto de noções que exige análise. Além disso, seria necessário saber até onde se exerce o poder, através de que revezamentos e até que instâncias. Frequentemente ínfimas, de controle, de vigilância, de proibições, de coerções. Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem detém; mas se sabe quem não o possui. (FOUCAULT, 2005, p. 75)

Antes, o poder não é uma abstração, em outras palavras, constitui um fenômeno social ativo, existe e se manifesta em rede, em cadeia, circular, nas relações de forças que “se exerce e só existe em atos” (FOUCAULT, 2002, p. 21), empreendidos, sobretudo, pela disciplina e pelo controle do corpo:

Em Ensaio sobre a cegueira, há, em sua narrativa, várias representações de constantes conflitos, tensões e ações disciplinares, de controle, de repressão, de opressão e de resistência que marcam, significativamente, as relações entre o Estado e seu aparelho, entre o Estado e os sujeitos, ou seja, os cegos e os contaminados, aqueles que tiveram contato físico com os cegos, mas que ainda não manifestaram a cegueira branca, e entre os próprios sujeitos, ou seja, os cegos e contaminados entre si.

Levando o foco à estrutura do poder, entendo que há diversas formas para o exercício

de seu funcionamento e um deles é o macro-poder apropriado pela aparelhagem de Estado, que se organiza a partir de uma hierarquia de poderes.

O combate à cegueira branca, por parte do Estado, dá-se pelo cerceamento do direito de ir e vir dos indivíduos acometidos por tal enfermidade. Eles todos ficam retidos e encarcerados a uma espacialidade insalubre e informalmente detentora do status de prisão, onde assistem ao desrespeito de seus direitos legais, permanecendo apenas suas obrigações: respeitar e acatar as determinações abusivas e ilegítimas do Estado.

Logo, A nova ciência do governo, que também inclui funções jurídicas e econômicas, apresenta-se mais como uma tecnologia do poder que tem por objetivo a população, que, portanto, investe as diversas formas nas quais a população organiza. Ora, nessa perspectiva, a população é um conjunto de seres vivos coexistentes que apresentam traços ontológicos/biológicos particulares e cuja vida é suscetível de ser controlada a fim de se assegurar, como melhor gestão da força-trabalho, um crescimento ordenado da sociedade. (NEGRI, 2003, p. 104)

Eis aí a manifestação do biopoder pelos atos do Estado sobre sua própria população civil – biopoder entendido por Michel Foucault (2008) como a ação do Estado moderno sobre o corpo e vida do sujeito através do uso de inúmeras e diversificadas técnicas, que buscam a subjugação do corpo e o controle sobre a população; atos tidos como práticas de saúde pública e regulação de risco, por exemplo.

Nas dependências do manicômio, com suas parcas instalações, os cegos e contagiados estão à mercê da própria sorte, abandonados, contando apenas com a insuficiente ajuda do Estado por meio da concessão da ração diária aquém das suas necessidades. O Estado, por sua vez, a contragosto dos mal-afortunados pegos pela cegueira branca, não manifesta qualquer interesse em auxiliar ou até mesmo solucionar o problema da cegueira por sua cura. Muito pelo contrário, seu objetivo parece ser apenas um: isolar a infecção do restante da sociedade, protegendo-se e deixando os infectados à deriva de sua desgraça, definhando em seu micromundo, acabando uns com os outros.

E a garantia do empreendimento estatal são a pestilência e virulência do mal branco, como ele mesmo denominara a misteriosa cegueira branca, e a presença e ação do exército, o qual fica incumbido de guardar, permanentemente, os cegos e contaminados onde estão e a todo custo, se possível valendo-se do poder de fogo para evitar fugas dos indesejados:

A vontade dos soldados era apontar as armas e fuzilar deliberadamente, friamente, aqueles imbecis que se moviam diante dos seus olhos como caranguejos coxos, agitando as pinças trôpegas à procura da perna que lhes faltava. Sabiam o que no quartel tinha sido dito essa manhã pelo comandante do regimento, que o problema

dos cegos só poderia ser revolvido pela liquidação física de todos eles, os havidos e os por haver, sem contemplações falsamente humanitárias, palavras suas, da mesma maneira que se corta um membro gangrenado para salvar a vida do corpo, A raiva de um cão morto, dizia ele, de modo ilustrativa, está curada por natureza. (SARAMAGO, 1995, p. 105)

Notoriamente, nesse trecho do romance, percebe-se o suposto direito do Estado de “fazer morrer e deixar viver, fazer viver e deixar morrer”, o biopoder em pujante manifestação, consolidando o estado de exceção (AGAMBEN, 2004) a que essa desgraçada gente cega é submetida.

Ainda cabe esclarecer que as personagens estão no limiar da própria essência, transitam entre essas essências, por isso estão sempre em conflito, em constante tensão. A mulher do médico, por exemplo, é apresentada inicialmente como o guia do grupo, deixa transparecer sua generosidade, ao cuidar e guiar o grupo de cegos: “A mulher do médico foi dar de beber ao ferido, mas ele vomitou.” (SARAMAGO, 1998, p.70).

É a mulher quem guia os cegos, cuida do marido, ampara os feridos e procura alimento para os de seu grupo. Mas, esta generosidade entra em conflito quando ela se encontra em uma situação de limiar. Após passar pelo abuso dos cegos ladrões, a mulher do médico revela outra forma de seu ser e passa de generosa, amiga e companheira a assassina, mesmo que por um bom motivo. O seu estado emocional passa de ameno e estável para um estado de constante revolta e inacabamento. De uma sustentabilidade plausível para uma indecisão fundamental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A associação entre a análise do discurso francesa e a literatura possibilita grandes descobertas no campo da construção de sentidos de um texto. Assim, a análise do discurso pode conduzir-nos a uma apreensão mais profunda do sentido dos textos literários, relacionando-os com as condições que possibilitam sua emergência, com as regulações que agem e normatizam a prática discursiva, com as representações de que o texto se faz suporte, enfim, com a problemática que envolve sujeitos numa relação intersubjetiva, ou seja, sua alteridade.

O discurso literário, por sua vez, pode ser visto como uma prática, cuja intencionalidade é interpelar o leitor a realizar uma reflexão sobre o tema proposto no enredo de uma dada obra. Num romance, por exemplo, esse tema se realiza pelas formações discursivas que conversam e que podem ser apreendidas seja por meio da análise das falas das diferentes personagens e do narrador, seja ainda pelo exame da voz do próprio autor que nele se projeta como fonte dos valores em jogo. E é dentro dessa perspectiva dialógica que podemos analisar, via discurso, quais são os caminhos e configurações que o romance toma para apresentar e representar posicionamentos, ideologias e pontos de vista.

Assim, compreendemos que a representação da mulher na em Ensaio Sobre a Cegueira tem nos despertado um verdadeiro interesse pelo discurso sobre o feminino, pois sabemos que hoje a mulher assume importantes papéis sociais e culturais dentro da atual sociedade, e mesmo assim, continua sendo representada em vários discursos apresentados principalmente em obras literárias, de maneira menos valorizada em relação ao homem, evocando, de certa forma, formações discursivas que impõem à mulher uma condição de menos valor em relação homem, simplesmente pela distinção do sexo.

Assim como na sociedade, a protagonista, e as demais personagens femininas de Ensaio Sobre a Cegueira, em diversas passagens do texto, assumem papéis centrais, funcionando como as verdadeiras condutoras da narrativa de Saramago, os papéis que, de modo geral, permitem à narrativa desenvolver. Por isso podemos afirmar que as personagens femininas deste romance são euforizadas pelo autor e possuem características fortes advindas da sua própria autoconsciência.

Enxergamos uma escrita sobre a mulher um tanto que renovadora e protetora, cujo domínio nem sempre vem da personagem masculina. A leitura da obra é capaz de evidenciar alguns processos da construção da linguagem do discurso sobre a mulher em Saramago linguagem do ser humano está carregada de sofrimentos internos, absorvidos da sociedade em

que vivemos das quais nós mesmos construímos a partir de valores morais coletivos, cujo diálogo diferenciado evoca visões sobre o homem e sobre a mulher. No romance, realiza-se o reconhecimento de sua própria linguagem numa linguagem do outro, o reconhecimento de sua própria visão na visão de mundo do outro.

Situada dentro desse processo dialógico, a obra de Saramago nos apresenta um conjunto de figuras da mulher que encontra eco na sociedade e pode ser reconhecido e interpretado com pertinência pelo leitor. O modo como Saramago dispõe de suas personagens femininas, as constrói e as livra ao olhar do leitor expõe uma visão de mundo, ou alguns pontos de vista, reconhecíveis e não necessariamente correspondentes ao do próprio autor. Ele se serve desses pontos de vista, ou enunciadores, para construir a sua trama narrativa.

O reconhecimento desses pontos de vista denotados pela forma de construção dessas personagens femininas postula um leitor e o interpela a assumir um ponto de vista entre duas posições: uma, que faz corresponder a sua visão de mundo ao ponto de vista de um enunciador implícito, solidário à mulher e, portanto, crítico de uma posição denotada na construção saramaguiana.

Essa figura é aquela que serve para descrever a mulher na personagem através de seus traços característicos e corresponderiam ao ponto de vista de um enunciador genérico e a esta figura se contrapõe uma outra, implícita, que emerge no horizonte de expectativas de um leitor que assume o ponto de vista de quem compreende o papel contemporâneo da mulher e rejeita a sua representação tradicional.

É inegável, pelo menos hoje, ao analisarmos algumas sociedades, é que a mulher assume um papel privilegiado e vem deixando seus rastros pelos caminhos da sociedade assumindo papéis diversos que vão da liderança, da autoridade e do poder, ao da mãe e da mulher do lar e do espaço doméstico. Em Ensaio Sobre a Cegueira, a heroína guia os cegos, lidera a organização da narrativa e do espaço e tem muitas vezes a iniciativa e a palavra final. Ao mesmo tempo, ela ainda se responsabiliza pela organização doméstica, pelo alimento e pela satisfação do desejo masculino. Ela é guiada pela sua autoconsciência e, também, pelas circunstâncias do mundo a qual ela pertence e ainda precisa submeter-se a vontades masculinas, mesmo estando estes últimos cegos e impotentes. Esses lugares aparentemente contraditórios constituem o objeto privilegiado de nossa análise.

Quanto ao Estado das sociedades modernas do Ocidente, no século XIX, Max Weber já o definia como instituição política que subordina os membros da sociedade a que representa, valendo-se da reivindicação do monopólio do uso legítimo da força física num dado território sob a direção de um governo soberano. (WEBER, 1968) Em outro momento,

na década de 70 do século XX, Michel Foucault estudou diferentemente o poder, devassando por meio da observância das práticas dos sujeitos e das instituições na estrutura social. Segundo ele, as pessoas passam, nos séculos XVIII e XIX, a ser objetos de estudo e de gestão política; uma consequência da revolução liberal que apoia as sociedades alicerçadas sobre os ditames de leis.

Com o aparecimento da cegueira misteriosa e, igualmente, desconhecida da literatura científica, a qual é uma ameaça potencial à manutenção da ordem e do sistema instituído, o próprio Estado e a própria sociedade com suas estruturas físico e intelectuais nas esferas socioculturais e político-econômicas. o Estado é induzido, pelas circunstâncias atípicas, a exercer o poder em caráter de urgência; poder esse que se mostra como agente extremamente limitador. Em estado de alerta máximo, o Estado vai à defesa de seus próprios interesses, sob a justificativa da necessidade de manter o bem-estar de toda a estrutura social, principalmente dos civis (comuns), uma vez que tudo e todos estão ameaçados pelo mal repentino e potencialmente perigoso que surgira.

Essa realidade delicada atinge diretamente o corpo do sujeito, o sujeito cego e a cegar, em dupla frente: pela cegueira branca e pelo próprio Estado, o qual se lança em combate contra a ameaça presente e potente da cegueira branca, localizada e confundida com suas próprias vítimas.

Acreditamos que em Ensaio Sobre a Cegueira, além de fazer com que o seu leitor faça uma reflexão sobre o mundo e sobre a natureza humana, ele traz também para este ambiente da leitura a figura da mulher, através das ações das personagens femininas, suas falas e funções na narrativa e igualmente por meio de sua relação com as personagens masculinas, seja pelo modo como esses últimos as tratam, seja pelas representações que evocam através de seus comentários sobre a mulher.

A idealização da mulher ocorre sob variados aspectos e não se limita a um ideal positivo de mulher, mas a ideologias circulantes no campo social e que, de certo acreditamos que o encontro entre a Análise do Discurso e a literatura nos oferece grandes descobertas no campo da construção do sentido de um texto. Promove reflexões e pode nos conduzir a uma apreensão bem mais profunda do sentido dos textos literários, relacionando-o com as condições que possibilitam sua emergência, com as regulações que agem e normatizam a prática discursiva, com as representações de que o texto se faz suporte, enfim, com a problemática que envolve sujeitos numa relação intersubjetiva, ou seja, sua alteridade.

Não podemos negar que a análise do discurso retira referências de outros campos de estudos, tais como a psicologia, a antropologia, a sociologia, como já dissemos. Portanto ela

se vê frente a várias escolas diferentes, ou seja, busca integrar categorias advindas de diversos quadros teóricos. Contudo a Análise do Discurso é um estudo sobre a linguagem e suas formas de manifestação e deve, primeiramente, operar com textos produzidos dentro de uma certa dimensão institucional.

Podemos observar em Ensaio sobre a cegueira situações em que é a mulher que exerce o poder, situações em que ela será mais forte do que o homem, sobretudo se considerarmos a condição do homem fragilizada na narrativa, ele está cego, doente, destituído de seus bens materiais e logo, enfraquecido em sua virilidade e potência física, condição que permite, então, que a mulher sobressaia. Em meio a essa situação caótica, uma mulher que vê, diante da cegueira de todos os outros, é a única capaz de manter autonomia e, portanto, de controlar sua situação e a dos outros.

Consequentemente a representatividade feminina busca através da Análise do Discurso pesquisar como o discurso considerado como representatividade feminina, que é fundamental para a pesquisa. Todo o estudo, pois, vem mostrar que a relação entre a identidade, representatividade, o poder e a ideologia em relação à mulher são fatores que vão contribuir para um novo olhar sobre ela dentro da sociedade, trazendo assim uma criticidade discursiva dentro da literatura em correlação com o dia a dia.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Trad. Iraci D. Poleti, São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Questões de literatura e estética (a teoria do romance)**. São Paulo: Hucitec/Ed. da UNESP, 1993.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**, vol. 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BRANDÃO, Helena. **Introdução à Análise do discurso**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2a. ed. rev. 2004.

BRITO SILVA, Giselda. **História e lingüística: algumas reflexões em torno das propostas que aproximam a história da análise do discurso**. *Sæculum - Revista de História*, v.11, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel. **Os Intelectuais e o Poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze**. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. P. 69-78.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. “**A ética do cuidado de si como prática da liberdade.**” In: **Ética, sexualidade e política**, por Michel FOUCAULT, 264-287. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Tradução Luiz F. B. Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969]/2007.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 8º edição, Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2012.

_____. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber.** 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. **O Discurso filosófico da modernidade.** São Paulo: Editora Martins Fontes.

ERIBON, D. **Michel Foucault.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Gestão de Pessoas: enfoque nos papéis profissionais.** São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, Álvaro Cardoso. **A voz itinerante: Ensaio sobre o romance português contemporâneo.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos.** São Carlos: Claraluz, 2004.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. **A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas Ciências Humanas.** An. Sciencult, v.1, n.1, Paranaíba, 2009. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3274>. Acesso em : 09 janeiro 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu Silva, Guacira Lopes Louro ± 11 ed., 1. Reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARVEY, David. **A condição pós moderna.** 17. Ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HENRY, P. **Sentido, sujeito, origem.** Trad. Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, E. (Org), Discurso Fundador. Campinas, SP: Pontes.

MACHADO, N. **Epistemologia e didática.** São Paulo: Cortez, 1996

MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Trad. Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Unicamp, 1997.

MALDIDIER, Denise. (1997). **Elementos para uma história da análise do discurso na França.** In: (Orlandi, E. P.): Gestos de leitura: Da história no discurso. Tradução Mônica Graciela Zoppi Fontana. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso – (Re)Ler Michel Pêcheux hoje.** Trad.: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1994.

NEGRI, Antonio. **É possível ser comunista sem Marx?** Lugar Comum, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (2001). **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 3.d. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. Trad. de Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, E. P. (org.) **Gestos de leitura: da história no discurso.** 2ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PEDRO, E. R. **Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.** Lisboa: Caminho, 1998.

PEDRO, E. R. **Análise crítica do discurso: Aspectos teóricos, metodológicos e analíticos.** In E. R. Pedro (Org.), *Análise crítica do discurso* (pp. 19-46). Lisboa: Editorial Caminho, 1997

PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. **Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil.** In: PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. (orgs.). Legados de Michel Pêcheux inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

REVEL, J. Foucault: **Conceitos essenciais.** São Carlos: Claraluz, 2005.

ROBIN, R. **História e Linguística.** Trad. Adélia Bolle e Miralda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977.

ROSADO, Michelle; LAMPHERE, Louise. **A mulher, a cultura e a sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira.** 48ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Ensaio sobre a Cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Luciana Moraes. **Insólitas veredas.** Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.

Weber. **História geral da economia.** São Paulo, Mestre Jou. 1968

VAN DIJK, T. A. **Discurso, contexto e cognição.** Discourse studies 8. 2006. Disponível em: www.discourses.org. Acesso em: 28 dez 2020.